

, as gêmeas

SASKIA SARGINSON

Tradução de Isabel C. Penteado



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Em memória da minha mãe, Jill Sarginson

Nem sempre fomos gémeas. Costumávamos ser uma pessoa só. A história da nossa conceção foi do tipo normal de que nos falam nas aulas de Biologia. Sabem como é: um espermatozoide atlético atinge o óvulo e gera-se uma nova vida.

E lá estávamos nós, um único bebé banal em potência. Então chega a parte extraordinária, porque esse único ovo divide-se ao meio e tornamo-nos dois bebés. Duas metades de um todo. É por isso que é estranho, mas verdade, que fomos inicialmente uma pessoa, mesmo que apenas por uma fração de segundo.

A mamã sempre disse que ter gémeas era a última coisa de que estava à espera, só que ela sabia que tinha de haver um bom motivo para não caber nas portas aos quatro meses de gravidez e muito menos enfiar as calças de ganga. A mamã era linda. Toda a gente dizia. Parecia uma rainha do gelo das páginas de um conto de fadas. Uma rainha que usava chinelos de enfiar o dedo e saias indianas com borlas penduradas e cujos dedos estavam amarelados da nicotina. Recusava-se a dizer-nos quem era o nosso pai. Não que importasse realmente. Só fingíamos que importava, porque era entusiasmante tentar adivinhar quem poderia ser, como se pudéssemos inventar a história do nosso nascimento.

Existe um mito grego que diz que se uma mulher dormir com um deus e um mortal no mesmo dia, terá dois bebés: um filho de cada pai. Nem a nossa mãe faria uma coisa tão promíscua como essa. Mas quando trepávamos os ramos da árvore de flor lilás, para nos sentarmos no telhado do

barracão a partilhar uma maçã e a discutir possíveis opções paternas, a ideia de sermos filhas de um deus era satisfatória.

A escolha óbvia era um deus do rock. A nossa mãe ouvia obsessivamente os The Doors. Olhava para a fotografia do Jim Morrison na capa do álbum e suspirava. A única coisa que sabíamos acerca do nosso pai era que a nossa mãe o tinha conhecido num festival na Califórnia. Bingo. Tinha de ser o Morrison. Não queríamos que o nosso pai fosse um dos desmazelados e esquisitoides com quem vivíamos na comunidade no País de Gales. O magricela do Luke, ou o fedorento do Eric. A mamã não amava nenhum dos dois. Certa vez escrevemos uma carta ao Sr. Morrison, em segredo, e assinámos «Com amor, Viola e Isolte». Nunca obtivemos resposta.

A 3 de julho de 1971, Jim Morrison foi encontrado sem vida na sua banheira em Paris. Causa da morte: paragem cardíaca provocada por excesso de álcool. Ele tinha planeado deixar de ser um deus do rock e tornar-se poeta. Estava à espera que terminasse o contrato. No dia em que se soube a notícia, chegámos da escola e encontrámos a nossa mãe a ouvir ininterruptamente *Hello, I Love You* e a chorar enquanto bebia o seu copo de vinho tinto. Nós também chorámos, lá em cima no nosso quarto, com os gritos abafados pelas nossas almofadas. A princípio era uma espécie de espetáculo; mas depois o fingimento transformou-se em realidade. Sabem como por vezes, quando nos rimos com muita força, podemos fazer disparar um mecanismo emocional qualquer e começar antes a chorar? Foi um pouco assim. Só que fingir o choro despoletou o choro real e subitamente estávamos lavadas em lágrimas, aos soluções e com o ranho a escorrer-nos pelas faces. Não fazíamos ideia do motivo por que estávamos a chorar. Mais tarde, quando a mamã já estava sóbria e estávamos todas aos soluços e de olhos inchados, ela disse-nos que o Jim Morrison não era decididamente o nosso pai. — Suas tontas — disse ela com nostalgia. — Onde diabo foram buscar essa ideia?

Tentámos mais algumas vezes descobrir quem era o nosso pai. Mas a mamã ficava irritada. Encolhia os ombros, enrolava lentamente um cigarro e bufava espirais de fumo com um ar de decepção para com as nossas maçadoras perguntas. — Dei início a uma nova dinastia — explicou ela. — Quero que construam o vosso próprio futuro. Não precisam de um passado. — Nós sabíamos que ela pensava que o nosso desejo de ter um pai era insignificante e materialista. Tudo o que de pior havia no mundo era insignificante e materialista.

Estávamos na primavera de 1972, e a mamã disse que devido à greve dos mineiros e às semanas de três dias, o país ia para o inferno. Ted Heath era um *tory* tolo. Tínhamos de estar preparadas para o pior. Tínhamos de ser autossuficientes. Arrancou as flores raquíticas, plantou vegetais e com-

prou duas cabras: a *Tess* e a *Bathsheba*. Uma castanha e a outra preta; ambas abanavam a cauda e tinham os cascos abertos em dois como o Diabo. Nós queríamos gostar delas, mas elas limitavam-se a mastigar o dia inteiro e a ranger os dentes compridos. Mesmo quando nos agachávamos para lhes coçarmos as orelhas, elas continuavam a mastigar, olhos vítreos olhando sem nos ver. As cabras conseguiam soltar-se das suas amarras e espezinhavam a pequena horta, arrancando plantas pelas raízes. Todas as manhãs, a mamã passava duras horas a tentar replantar brócolos murchos e cenouras antes de se sentar, com a cabeça enfiada num flanco de uma cabra, dedos atarefados, a amaldiçoar a sua agitação, para emergir com leite ralo tão rançoso como queijo velho, ou peúgas ensopadas de suor.

Ela tinha um livro que mostrava que plantas selvagens era seguro comer e quando e como se devia apanhá-las e cozinhá-las. Esse livro era constantemente consultado, objeto de ponderação, desgastado e manchado por ser levado nas caminhadas e salpicado por estar aberto ao lado do fogão. Procurar comida tornou-se uma nova religião. Apanhar frutos silvestres, cogumelos e maçãs da beira dos caminhos: isso é que era espírito livre e liberdade, dizia a mamã. Duas coisas que ela aprovava.

Nós ficávamos arranhadas por termos de nos enfiar no meio do silvado para conseguirmos chegar às maçãs bravas, com a nossa mãe de pés descalços ao nosso lado. — Mais alto, Viola. Isso mesmo. — Sacudindo impacientemente os cabelos para trás. — Apanha as que estão no ramo ao lado, Issy. — Ela fazia geleia e vinho com essas: de sabor ácido e rosado como uma língua. Uma vez apanhámos uma terrível dor de barriga por causa de uns cogumelos pintalgados que ela tinha colocado no guisado. Mas passámos a gostar de cogumelos-cérebro fritos em manteiga com sal e pimenta e um pouco de pó de caril; um cogumelo pregueado, tipo borracha e clarinho que crescia na base dos pinheiros. Apanhávamo-lo às mãos-cheias quando o encontrávamos. E bexigas-de-lobo, apanhados quando estavam gordos e brancos, rebolando na erva húmida nas manhãs de outono como bolas de neve fora de época. Comíamos-los envoltos em polme, ao pequeno-almoço, com bacon crocante.

*

Alguma vez sentiram verdadeiras dores agudas de fome? Não apenas um resmoneio, a habitual queixa do nosso estômago quando falhou uma refeição, o inconveniente ronco e gorgolejo de quando o almoço está atrasado. Estou a referir-me à dor profunda do verdadeiro vazio. A dor oca do nada. A gordura é um defeito humano, porque só os humanos são estúpidos e gananciosos. Os pássaros são leves como uma mão-cheia de folhas. Eu quero

que a leveza de asas entre em mim. Aprendi a comer como um pássaro, não como um humano. Neste lugar, tentam enganar-me para me fazerem comer, fazem jogos psicológicos, enfiam-me tubos pela goela.

Claro que dói passar fome. Mas podemos usar essas dores agudas como uma faca para cortarmos as coisas más dentro de nós. Acabamos por ansiar por essa sensação. Porque a fome é uma amiga. Com ela conseguimos chegar mais depressa aos nossos ossos do que imagináramos. Sinto-os debaixo dos dedos, logo abaixo da pele, cada dia mais perto: lisos, perfeitos e rijos. É isso que toda a gente diz dos ossos, não é? Que são puros. Limpos. Eu sigo o contorno dos meus e têm uma forma: o meu esqueleto.

De qualquer forma, é apenas isso que somos no final. Às vezes, nem isso. Às vezes nem sequer existem ossos para mostrar que havia vida — apenas moléculas a pairar no ar — e algumas memórias trancadas no cérebro, amareladas como velhas fotografias.

Agora estou cansada. Gostava de voltar a dormir. Estou a divagar. Sei que sim. A Issy não ia gostar. Ela disse-me para me calar quando tivemos de nos sentar naquele pequeno quarto com um homem e uma mulher a fazerem-nos as mesmas perguntas sem parar.

O que fizemos nós? O que vimos nós? A que horas, quando e onde?

Sabem, eles achavam que éramos más. Pensavam que tínhamos feito alguma coisa imperdoável. Eu chorei e mexi-me na cadeira dura quando senti um calor vergonhoso infiltrar-se nas cuecas. Líquido pingou sobre o plástico até se formar uma poça no chão e um polícia vir com um balde e um pano. Eu fechei os olhos, tentando não inalar o fedor agreste a urina. As minhas pernas nuas ardiavam-me.

Aqueles dias eram preenchidos com esperas apáticas, pessoas a segredarem atrás das mãos acerca de nós. Estávamos presas naquele quarto sombrio, enquanto eles nos fitavam e tamborilavam com os lápis e tomavam notas. Eu reparei que estavam a olhar para a cicatriz na minha cara e puxei o cabelo para cima, a tentar escondê-la, com medo que eles conseguissem reconhecer a marca de Satã.

Mas eu não estava sozinha; a minha irmã estava ao meu lado, como sempre, mais forte, mais corajosa. Os olhos dela estavam secos e não havia nenhuma mancha húmida debaixo da cadeira dela.

— Não digas nada, Viola — disse Issy. — Não precisas de dizer nada. Não podem obrigar-te.

E segura-me com firmeza na mão, os dedos dobrados apertando os meus com força, inflexíveis como uma armadilha.

L 987. Bill Withers está a tocar bem alto na aparelhagem e um som agitado enche o estúdio fotográfico e cria um bom ambiente para o trabalho. Só que o trabalho parou por instantes porque Ben está preocupado com as luzes e a orientar a assistente para reorganizar o rolo de papel que está a servir como pano de fundo. Longe do clarão intenso das luzes e do pálido papel, o espaço ressonante, em tempos um armazém, é uma caverna oca.

Uma porta lateral dá passagem para um espaço acanhado que serve de gabinete de cabeleireiro e maquilhagem; mal dá para três pessoas se movimentarem lá dentro e o ar está saturado de fumo de cigarro. A mesa abaixo do espelho está coberta com uma confusão de paletas de sombras de olhos, lenços de papel amarrotados, embalagens vazias de comida para fora, cinzeiros a abarrotar, chávenas de café, pincéis de lábios e enroladores de pestanas.

Isolte está a observar Julio, o maquilhador, que se debruça sobre a modelo. Isolte franze o sobrolho para o espelho ao ver a imagem refletida do rosto da modelo. Os três, ali apertados, estão emoldurados por um quadro de lâmpadas nuas. Julio termina de desenhar uma linha dourada com um floreado e olha interrogativamente para Isolte, uma sobranceira arqueada.

— E então? — diz ele. — Queres um efeito mais dramático, Isolte, querida? Ou isto basta?

Isolte olha para a cara da rapariga de olhos franzidos. A modelo, im-

perturbada, agita pesadas pestanas cor de laranja. Tem uma toalha enrolada à sua volta para proteger o vestido de seda que está por debaixo. Por cima dela, Isolte repara numa penugem fina, como a de um bebé, que lhe cresce sobre as costas: uma penugem clara que brilha ao longo das saliências da sua coluna. Não era Marilyn Monroe que supostamente também teria o corpo coberto de penugem? Contribuía para a sua aparência luminosa nas fotografias. Mas esta rapariga tem o pelo extra dos malnutridos. Isolte sabe bem como é.

Encolhe os ombros. — Está ótimo. Mas vamos lá tirar uma polaroide. Depois vemos. — No *décor*, a modelo posiciona-se em frente das luzes, pernas afastadas, ancas inclinadas para a frente. Olha intensamente para a máquina fotográfica, um sorriso sarcástico nos lábios. A assistente de Ben ligou a ventoinha e finos fios de seda colorida esvoaçam em redor dela como asas de borboleta.

Ben está já dobrado sobre o tripé, uma mão em cima da máquina. Está concentrado, toda a sua energia canalizada para aquele momento. As suas calças de ganga estão enrugadas na zona das ancas, o cabelo escuro caído para diante. É a última foto do dia. Estão todos cansados.

— Que maravilha. — Ele dispara e dispara outra vez. — Lambe os lábios. Olha para mim, querida. Muito bem. Maravilhosa.

Ben é um camaleão. A sua conversa profissional é fluida, muda de rapariga para rapariga, de sessão para sessão. Isolte já o viu desempenhar o papel de macho malandro, mas ele exagera-o, ou suaviza-o e adocica-o para conseguir tirar o melhor partido de uma modelo.

— Como transformas um pato num cantor a solo? — pergunta ele e a modelo encolhe os ombros.

— Mete-lo no forno até ser o Bill Withers.

A rapariga lança a cabeça para trás e ri-se. Ben dispara a máquina. Isolte já ouviu aquela piada. Está de braços cruzados a imaginar a fotografia na página, a legenda já às voltas na sua cabeça. É uma boa foto. A modelo é quase transparente; os ângulos do seu rosto trabalham as sombras e puxam a luz nos planos certos, fazendo-a parecer um encantador extraterrestre. Talvez vá para a capa.

É primavera lá fora. Um dia chuvoso em Londres. Mas ali está ela num espaço sem janelas a criar fotografias para serem apreciadas em julho. Isolte gosta do modo como trabalhar com três meses de avanço a faz passar o ano como se o relógio tivesse engatado a sexta velocidade. — Acho que conseguimos. — Ben endireita-se, batendo palmas rapidamente com as mãos levantadas. — Muito bem, pessoal. Está pronto. — É uma coisa pirosa de se fazer. Ele safa-se porque, desde o cabelo escuro desgrenhado aos ténis *Converse All Stars* em encarnado desbotado, ele exhibe o tipo de estilo descontraído

que faz dele uma pessoa fixe; o tipo de pessoa que transpõe barreiras sociais invisíveis, que sabe como comportar-se. Ajuda o facto de ele ter um rosto sensual com ossos bem esculpidos; umas sobrancelhas em declive que lhe dão, dependendo do seu humor, o aspeto de Groucho Marx, ou de Byron; uns lábios que têm a linha natural de um beicinho. Isolte repara que Ruby, a cabeleireira, cora quando se vira para apanhar os seus sprays e escovas.

A ventoinha e as luzes foram desligadas. A esfregar os olhos, a modelo pega numa toalha. O estúdio está quase vazio, sombrio e desolado sem música. Julio já saiu, carregando a sua caixa de maquilhagem, e Ruby está a arrumar as coisas na salinha do fundo. A modelo enfia os ombros ossudos num velho sobretudo de tweed e acende um cigarro; está a verificar a agenda enquanto acena em despedida. Ben grita à sua assistente: — Leva as máquinas para o meu carro, está bem? E fica de olho até eu chegar.

— Queres uma bebida? — Ele vira-se para Isolte, a sorrir. — Sumo de laranja, claro.

Ela faz-lhe uma careta. — Não posso.

— Que pena. — Ele está subitamente perto e ela sente a mão dele na sua coxa, dedos esfregando-lhe os collants. A boca dele está ao lado do seu ouvido, respiração quente e palavras abafadas. No âmagô, ela sente a lança do desejo e a sua respiração está cada vez mais acelerada. Ela engole em seco, inclina-se para ele e então: — Nem pensar, pervertido — sussurra ela, escapando-se dele.

— Não me podes censurar por tentar. — Ele sorri-lhe. — Tenho andado o dia todo mortinho por te pôr as mãos em cima.

— Nunca me passaria pela cabeça... De qualquer modo, tenho de ir. — Isolte empurra-o e sorri contrariada. — Já te tinha dito. Vou ter com a Viola.

Mudando de ideias, ela aproxima-se e beija-o. Ela também andou o dia todo com vontade de fazer isso, embora não queira que ele saiba, pois sempre considerou mais seguro ser a parte controlada num relacionamento, a que não ama de igual modo. Os lábios dele são macios, ligeiramente secos; há o contacto de dentes contra dentes. Ela inala profundamente, inspirando o suor do dia, o vestígio de aço e plástico nos dedos dele. Atravessa o estúdio, endireita a roupa e olha de relance para o espelho como que para ver se há provas do beijo.

— Mulheres. — Ben abana a cabeça e lambe pensativamente os lábios. — São assim todas tão doidas? — Encolhe os ombros dentro do blusão de cabedal.

— Bem, tu é que és o perito — diz Isolte. — Diz-me tu.

Ele agarra-a pela cintura e puxa-a para si. — Pensas o pior de mim, não é, minha Doris desconfiada?

Ela debate-se e solta-se com uma gargalhada ofegante. — Não me chames isso.

— O quê? — Ele levanta as sobrancelhas. — Desconfiada?

— Não. Doris, idiota. — Ela abana a cabeça. — Agora deixa-me ir. — Põe a mala ao ombro. — Tenho onde ir. Pessoas para ver.

O pequeno táxi dela está à espera lá em baixo.

— Isso quer dizer que vais lá a casa hoje à noite? — grita-lhe ele nas costas.

Isolte amolece. — Sim. Até logo. — Ela ignora o elevador e vai pelas escadas, os seus pés estrepitando no betão.

— Dá cumprimentos meus à Viola. — A voz dele chega-lhe como um eco oscilante dentro da acústica oca do poço da escada.

Os táxis são o fraco de Isolte. Habitualmente ela pode dispensá-los para o trabalho. Mas se for preciso, é capaz de pagar tarifas astronómicas para evitar a imundície do metro, ou os empurrões para entrar num autocarro à hora de ponta.

Isolte recosta-se e observa as ruas cada vez mais escuras. O trânsito está num passo impacientemente lento. Londres está cheia de pessoas a regressar do trabalho, ou a saírem para a noite. Transeuntes apressados enchem a estrada enquanto empurram turistas aglomerados aos cantos com rostos e máquinas fotográficas virados para cima. Parou de chover, mas poças viscosas estão escorregadias com óleo e todos os passeios iluminados com reflexos molhados.

O seu motorista está curvado sobre o volante. Ornamentos oscilam pendurados no espelho retrovisor: uma cruz simples, uma fotografia de uma criança de olhos escuros, um Mickey Mouse de plástico. De vez em quando os olhos dele passam rapidamente pelo espelho, observando-a. Ela aconchega mais o casaco e olha pela janela. O rádio gagueja e estrepita.

Buzinas soam e alguém grita furiosamente. Está um bêbedo a cambalear e a ziguezaguear por entre os carros, mãos estendidas como se fosse cego. Um ciclista tem de se desviar para não lhe bater; e o homem na bicicleta vira-se, a sua boca um círculo de indignação. Isolte encolhe-se no banco quando o bêbedo passa cambaleante pelo táxi. Mas não consegue deixar de olhar para o seu rosto e de ver o seu olhar vítreo passar por ela e desviar-se. Ele tem os traços grosseiros dos sem-abrigo. Pelo canto do olho, ela vislumbra um movimento súbito e ouve o bater de dedos ossudos no vidro. Os punhos cerrados dele a baterem-lhe na janela. Isolte dá um salto e morde o interior do lábio. O motorista vira-se e pragueja, mete outra mudança e afasta-se.

Isolte levanta cuidadosamente a ponta de um dedo; sente o sabor a sangue. A expressão perdida do bêbedo ficou gravada na sua mente, o rosto

de olhar fixo uma caricatura desfocada dela própria. Ela não bebe. Nunca sentiu o desejo de se afogar nesse tipo de alienação. A sua memória não tem falhas. Ela gosta da sensação de controlo que tem quando as outras pessoas estão a descomprimir e as suas palavras se escapam com demasiada facilidade. Ela esteve em festas onde pessoas que mal conhece confidenciaram segredos, segredaram as suas preferências sexuais, confessaram as suas infidelidades. Esse tipo de vulnerabilidade assusta-a. Porque é que as pessoas fazem isso a si próprias?

— Ela tem dormido muito hoje — diz a enfermeira a Isolte. Ela abana a cabeça e aponta para a cama do canto onde se encontra um pequeno volume. Uma forma adormecida. A forma tão estreita que é mais como uma elevação produzida por um arado.

Quando Viola foi internada no hospital, Isolte pensou que ficaria curada. Nove anos passados, Viola já foi consultada por diversos terapeutas e passou um mês numa ala psiquiátrica; melhorou um pouco e depois piorou. Esta é a terceira vez que está hospitalizada. Há já muito tempo que Viola tem por hábito desaparecer.

Isolte aproxima-se cautelosamente. A paciente mais idosa na cama em frente à de Viola está deitada sobre as cobertas, encostada a almofadas e a tricotar laboriosamente, meadas de lã púrpura tombando da cama. Ela levanta os olhos para Isolte e sorri. Isolte sorri em resposta, reparando com um pequeno choque de embaraço que a mulher, que está sentada de pernas cruzadas, não tem cuecas. Porque é que nenhuma das enfermeiras a avisou? Porque não aconchegaram simplesmente as cobertas em redor dela? Isolte desvia rapidamente o olhar e encosta uma cadeira ao lado da cama da irmã.

Viola está de costas, muito direita, olhos fechados, o lençol dobrado sobre o peito. Não dá qualquer sinal de reconhecimento da presença de Isolte.

— Viola, sou eu. Eu disse que vinha depois do trabalho. Lembras-te? — Não há reação. Isolte chega-se mais à frente e observa o rosto da irmã. Viola tem um tubo amarelo fininho que se estende da narina direita, lhe atravessa a face e segue por trás da orelha. O tubo está preso com vários pedaços de fita adesiva transparente que enrugam a pele por debaixo. Calorias líquidas são enviadas através do tubo diretamente para o estômago de Viola.

Viola mexe-se subitamente, virando a cabeça de lado com um movimento brusco como se esteja a sentir algo roçar-lhe no rosto, o estalo de um ramo, talvez, ou um inseto embatendo nela. Isolte debruça-se e sussurra: — Viola, consegues ouvir-me? — Mas Viola permanece presa nos seus sonhos. As mãos estão pousadas no lençol, cerradas em punhos. Os pulsos, que saem de dentro dos punhos do pijama azul, são impressionantes pro-

tuberâncias ósseas. Isolte estende a mão como que para lhes tocar, dedos pairando no ar. Em vez disso, cruza as mãos sobre o colo.

O hospital é um outro mundo. Ali existe um tipo diferente de tempo, horas vagarosas arrastam-se dentro de uma zona sem clima. A enfermaria de Viola fica no quarto piso, na antiga secção vitoriana. Tem tetos altos e janelas colocadas a um nível que torna impossível alguém ver o exterior sem se empoleirar numa cadeira. As paredes são de um doentio verde institucional; a cor faz Isolte lembrar-se da sua escola primária. Não lhe ocorre nada pior do que estar ali presa durante semanas. Não admira que Viola esteja sempre a dormir.

Nas camas ocorre uma movimentação agitada: tosse, pigarro e contorcimento de cobertas. Um empregado de limpeza está a esfregar o chão sem empenho, movimentando a esfregona em lentos semicírculos à sua frente. Isolte pode ver água espumosa acumular-se no interior das expansões de tecido. Resigna-se a não fazer nada. Recosta-se na cadeira e analisa o rosto da irmã. Sente-se estranhamente furtiva. Olhar para Viola costumava ser como olhar para um espelho que apresentava todos os ângulos. Observá-la não podia considerar-se espionagem, porque era apenas como se estivesse a criticar ou a admirar os seus próprios traços. (*Ah, pensava ela, então é este o aspeto do meu nariz de perfil quando eu me rio.*)

Viola continua virada para o teto de olhos fechados. O nariz e as maçãs do rosto projetam-se em arestas afiadas, sombras escurecendo as concavidades. Debaixo dos lábios engelhados, é visível o contorno dos dentes. Isolte consegue ver um crânio através do rosto da irmã; os planos e as curvas, as profundas órbitas dos olhos; a forma materializando-se como uma fotografia em revelação. Isolte pestaneja e desvia o olhar. Não consegue habituar-se a ver a irmã assim. Está a tornar-se muito difícil lembrar-se de Viola com as suas bochechas redondas e o sorriso largo de criança, mas Isolte sabe exatamente quando começou a transformação: começou quando viviam com a tia Hettie em Londres, depois de a sua vida na floresta ter chegado ao fim.

*

A porta de casa abre-se, deixando entrar o ruído súbito do trânsito na Fulham Road. Fecha-se com violência. Os barulhos da rua são abafados. Um dos cães dá um latido de boas-vindas; Hettie olha de relance para o seu relógio e franze o sobrolho. — Onde diabo andou ela?

Hettie e Isolte levantam os olhos da refeição quando Viola surge furtivamente na cozinha, mãos nos bolsos, um saco puído pendurado ao om-

bro; os *spaniels* farejam já sofregamente os seus pés, arfando de prazer, caudas a abanar, e ela estende a mão para lhes tocar nas orelhas sedosas.

Isolte recorda-se do cheiro a gordura de cordeiro queimada, a cozinha acolhedora e quente, cortinas corridas contra a noite de outono. E Viola: delicada e defensiva, esperando silenciosamente à entrada como se não tivesse coragem de entrar. Os alarmes deviam ter disparado. Isolte devia ter percebido nessa altura que tinha de fazer alguma coisa para ajudar a irmã.

Viola está diante da tia e da irmã com os seus longos cabelos cortados à escovinha como os de um presidiário, os curtos cabelos escuros revelando a palidez do couro cabeludo. Ela passa prudentemente uma mão pela cabeça como se estivesse surpreendida por encontrar a aspereza dos pelos curtos e eriçados debaixo das pontas dos dedos.

Hettie faz um barulho estranho com a garganta, tossindo rapidamente para sufocar o espanto.

Viola dirige-lhes um olhar de desafio e encolhe os ombros. — O cabelo é meu. — O brinco do nariz cintila. É uma adição recente e a pele em torno da prata está vermelha e ferida.

— Agora já não é — não resiste Isolte a salientar.

Debaixo da sua sagacidade, Isolte sentia uma pontada de ansiedade. Ela via como a clavícula da irmã sobressaía como uma canga; as mãos que saíam de dentro dos punhos pendentes, finas como as garras de um pássaro; unhas ruídas até ao sabugo. Há quatro anos que haviam saído de Suffolk e era óbvio que Viola não se tinha adaptado à vida na cidade, nem sequer tinha feito amigos na nova escola.

Mas, misturada com a ansiedade, havia irritação. Isolte não conseguia controlar isso; por vezes achava que Viola estava a ser propositadamente difícil. Pairava pela casa como um fantasma, introvertida e distante. Deixava as cortinas corridas o dia todo e a cama por fazer, apesar das queixas de Hettie, paus de incenso enchendo o quarto escuro com um cheiro enjoativo. Trancava a porta e ficava horas lá dentro. E já quase nunca se sentava para comer com a tia e a irmã, arranjando desculpas sucessivas para evitar fazê-lo.

— Então, queres jantar alguma coisa? — Isolte levanta-se com o propósito

de ir até ao fogão, como se a energia do seu movimento pudesse obrigar Viola a aceitar.

— Guardámo-te puré de batata e uma costeleta, querida — acrescenta Hettie. — Escondemo-la da boca dos cães.

Os *spaniels* agitam-se esperançosamente nas suas camas junto ao radiador, olhando para Hettie com as línguas de fora.

Viola abana a cabeça. — Já comi.

— Há gelado... — Isolte tenta manter um tom de voz animado e cativante, tenta disfarçar o desagrado que sente por ver o couro cabeludo rapado da irmã.

Mas Viola já está a sair pela porta.

Isolte recorda-se de olhar para Hettie enquanto ouviam os passos de Viola nas escadas. Estavam unidas na sua frustração. Mas não compreendiam verdadeiramente a extensão do problema; não ainda. Viola escondia-lhes a dramaticidade da sua perda de peso debaixo de roupas folgadas. Isolte nunca via a irmã nua.

Ouve-se o clique da porta do quarto a fechar-se; Hettie estremece. — Lá vem...

Uns minutos depois, a música ribomba através do teto. Viola estava lá em cima sozinha, os dedos finos extraíndo *singles* de capas: Sex Pistols, The Clash, Ramones.

Isolte não conseguia entender porque gostava a irmã daquele barulho.

— Na verdade, não me parece que ela goste — dizia Hettie. — Acho que está simplesmente a querer marcar uma posição. Não é isso que os jovens gostam de fazer hoje em dia?

Mas Isolte já não compreendia o que Viola estava a tentar dizer.

*

Na cama de hospital, Viola não voltou a mexer-se e não há sinal de que vá fazê-lo. Isolte levanta-se e veste o casaco. A mulher em frente está atenta à saída de Isolte; para de tricotar e acena com insistência. Isolte passa por ela com um sorriso educado.

O rosto da mulher contorce-se e contrai-se de entusiasmo ou de dor. Ela desvia um emaranhado de púrpura e agarra na manga de Isolte com os dedos nodosos. — Podia fazer-me um favor? — pergunta ela com a voz entrecortada quando Isolte se baixa. — É que eu estou à espera do meu filho, sabe, e dos filhos dele. Se os vir, podia dizer-lhes onde estou?

A voz da mulher é surpreendente; o sotaque faz Isolte pensar em caça-

das e no salão de chá do Fortnum & Mason. Isolte ouve respiração ruidosa dentro de um peito.

Anui com a cabeça e engole em seco. Puxa a manga dos dedos da mulher. — Sim. Claro que sim.

Avança rapidamente por entre as camas, cabeça baixa, enfiando as mãos nos bolsos com sentimento de culpa e satisfeita com a sua liberdade.

Vê-se dominada por uma necessidade de Ben, da sua saudável vivacidade e desprendimento masculino. Ben enche uma sala com as suas necessidades, opiniões e piadas. Às vezes isso irrita-a, mas outras vezes é a coisa mais confortante que pode haver. Já estão juntos há mais de um ano e ela tem roupa interior, maquilhagem e uma *nécessaire* no apartamento dele. Não há necessidade de ir a sua casa, irá diretamente a casa dele. Pressiona impacientemente o botão ao lado do elevador. Ela sente como se estivesse a fugir.

Isolte planeia distrair Ben do telefone e da TV, dissuadi-lo de a arrastar para os bares ao encontro de amigos ávidos por beber vodka-martínis em sua companhia. Podem ficar em casa, só os dois, isolados do resto do mundo, ligar para o indiano que vende comida para fora. Ben tem mais uma característica tranquilizadora: o relacionamento descuidado e descontraído com a comida. Mais tarde, na enorme cama dele, ela irá sentir-se em segurança nos seus braços. Ela adora quando Ben a abraça com tanta força que ela mal consegue respirar. Já consegue sentir o chili a arder-lhe nos lábios.

A mamã estava a dormir de lado com um pé comprido pendurado para fora das cobertas. O cabelo dela saía espetado do espaço entre lençol e almofada como um ninho de aranhas. Deixámo-la a babar-se. A manhã estava à nossa espera, cheia de pombos-bravos a chamar. Não nos preocupámos com o pequeno-almoço, atafulhámos os bolsos com biscoitos para comer depois e fechámos a porta da cozinha sem fazer barulho.

Os pinheiros estendiam-se por quilómetros, dissecados por marcas cor de areia. Não havia ninguém para nos ver nas nossas bicicletas. Os homens da Comissão de Silvicultura deslocavam-se em carrinhas. Ouvíamos-os aproximarem-se muito antes de nos verem. E estávamos ainda muito no início da estação para que o parque de caravanas se enchesse. Ao primeiro sinal de outras pessoas, atirávamos as bicicletas para debaixo de arbustos e mergulhávamos na vegetação rasteira. No interior da floresta, tornávamo-nos flexíveis como ramos jovens, desaparecíamos nas sombras como os peles-vermelhas e caminhávamos sem fazer qualquer ruído. Esfregávamos terra esfarelada nas faces, tirávamos casca às pinhas e espalhávamos o acre odor verde pelas pontas dos dedos.

As outras pessoas achavam que éramos estranhas. Ficavam a olhar. Faziam perguntas estúpidas, como: «Quem é a inteligente?», ou «Qual é a sossegada?» Quando eu estava sozinha, os meus colegas de turma segredavam por trás das mãos: «Qual das duas é esta?» Mas o que se pode esperar de criaturas que são apenas metade de si próprias? A Issy disse que tinham

ciúmes e eu sabia que ela tinha razão. Eles deviam sentir a falta, a perda da que não estava lá.

Não interessava o que vestíamos; ninguém conseguia distinguir-nos, embora eu tivesse sempre sido a bebé maior e depois a criança mais rechonchuda. «Fofinha», chamava-me a mamã. Por vezes, se a Isolte e eu estávamos juntas, alguém apontava para mim como se tivesse descoberto algo extraordinário, exclamando: «Aha! Tu és a gémea maior!»

Maior. Eu odiava a palavra.

— Espertos, não são? — sussurrava Issy em voz alta. Tristes figuras, chamava-lhes ela. Meias-lecas.

Naquele dia estávamos ambas de calças de ganga e, debaixo do anoraque, eu levava a minha t-shirt amarela com uma imagem de uma garrafa cheia de carros na frente. Os carros de cores vivas estavam meticulosamente alinhados, para-choque com para-choque, em linhas horizontais por trás do vidro. Por debaixo, dizia *Trânsito Engarrafado*¹. Eu adorava aquela camisola. A mamã comprou-ma quando foi ao festival de Pilton. Ela tinha comprado uma azul para a Issy, com um largo arco-íris a atravessá-la. A mamã nunca nos obrigava a vestir as mesmas coisas; trocávamos algumas peças e mantínhamos as roupas favoritas separadas. A Issy olhava para a minha t-shirt e mastigava o canto do lábio. Ela sabia que eu não iria partilhá-la.

Íamos a subir o carreiro em direção ao lago. De ambos os lados, as árvores erguiam-se altas e eretas, silvas entrelaçavam-se nas suas raízes e fetos brotavam como guarda-chuvas lustrosos. Mais profundamente, as sombras adensavam-se. Nada crescia na escuridão. Ramos mortos apodreciam sobre uma camada de agulhas caídas, e fungos escorregadios, claros como pergaminho, agarravam-se às carcaças das árvores.

Quando o carreiro começava a subir a encosta, tornava-se mais difícil pedalar, não por causa da inclinação, mas porque a areia se tornava mais funda e mole como açúcar. As minhas pernas estavam cansadas. Eu levantei-me sobre os pedais, fazendo um esforço extra. Mas enquanto me esforçava, as rodas guinaram de uma forma estranha e ficaram presas numa leiva de areia.

A Issy já tinha abandonado a sua bicicleta, deixando-a no meio do caminho com as rodas a girar. Estava agachada na orla a tocar com o dedo nalguma coisa que tinha visto na erva alta. — Olha. — Desviou a vegetação para um lado. — Olha, Viola, um coelho. Está doente.

O coelho estremeceu sob o nosso olhar, orelhas achatadas sobre as costas. O pelo estava baço e seco. O nariz contraía-se, sentindo o odor

¹ Trocadilho com *bottle*, palavra inglesa, significando quer «garrafa» quer «engarrafar», referente ao trânsito. (N. da E.)

que estava para lá da máscara de resina nas pontas dos nossos dedos; cheirando o perigo da nossa pele humana. Não conseguia ver-nos. O focinho estava inchado. Enormes bolas de pus escorriam e borbulhavam onde os olhos deveriam estar. Moscas gordas aglomeravam-se sobre o pelo pegajoso.

Estendi a mão e toquei nas costas do coelho. Estavam aguçadas, como se estivesse a tocar numa lâmina. O animal recuou e encolheu-se no meio da erva. — O que havemos de fazer? — A minha voz tremia. Oscilava com a esperança de que ela saberia. Ela sabia sempre.

— Vamos ter de o levar ao veterinário. — Ela estava pálida sob o bronzeado, os lábios finos com determinação.

Apanhámos mãos-cheias de cerefólios e rebentos retorcidos de fetos, separando e arrancando as hastes gordas, e pousámo-los como frondes de palmeiras no fundo do cesto da minha bicicleta. O coelho retesou-se quando eu lhe peguei. Senti o ritmo do seu coração acelerar e um suave murmurejo atravessou-me levemente a mão. Franzi o sobrolho para a praga de pontos negros que tinham aparecido na minha pele, confusa por instantes, e depois: — Pulgas! — gritei eu, batendo com as costas das minhas mãos nas calças de ganga.

No cesto, o coelho não teve qualquer reação aos puxões no guiador enquanto eu arrastava a minha bicicleta pela areia funda. As moscas seguiam numa nuvem preguiçosa e persistente. Os meus lábios estavam secos. Sacudi uma mosca para longe deles. Seria uma longa viagem até à cidade. E teríamos de ir pela estrada principal que passava pelo sopé e atravessava a aldeia. Era dia de escola. Seríamos vistas.

*

Consigo ouvir outros sons, acima do vento agreste e do silvo das rodas das nossas bicicletas: vozes penetrando de outro mundo, pés apressados caminhando sobre um soalho brilhante e o bombeamento ritmado de uma máquina de oxigénio.

Não vou regressar. Recuso-me a abandonar este momento. Se não abrir os olhos, estarei em segurança.

— Viola?

Alguém está a chamar o meu nome.

— Consegues ouvir-me?

Segue-se uma inspiração irritada. Uma sombra afasta-se.

As minhas mãos cerram-se em punhos, como se eu estivesse a agarrar com força os punhos da bicicleta. Eu quero regressar para o meio das árvores, com o sol da manhã quente nas minhas costas. Não quero reap-

recer dentro do meu outro corpo, dentro das arestas rijas e das cavidades chupadas. Na floresta estamos em 1972 e temos doze anos de idade. Franzo o sobrolho e lambo sal dos lábios. A minha testa está húmida de suor. Vou voltar para a minha irmã perdida, vou voltar para o dia em que tinha um coelho moribundo no cesto da minha bicicleta e acreditava que podia salvá-lo.

*

Pedalámos por entre as árvores e as nossas rodas começaram a mover-se com maior facilidade quando entrámos no caminho pedregoso que nos levava para fora da floresta. Eu cantava para o coelho, debruçada sobre o guiador, um suave canto a meia-voz. A Issy tomou a dianteira, cabelos louros soltos atrás dela. A posição dos seus ombros era de determinação. Eu sabia exatamente qual era a expressão no rosto dela, os cantos dos lábios ligeiramente descaídos, olhos franzidos por causa do sol, o salpico de sardas clareadas pela luz. Aquelas marcas pintavam a nossa pele como uma camuflagem. Nos sítios escuros, não era possível contá-las. Cada uma de nós tinha um padrão único de sardas. Era engraçado, mas ninguém usava essa diferença para nos distinguir. — Para eles, sardas são sardas — dizia Issy.

Foi quando estávamos quase a chegar à orla da floresta que a pedra ricocheteou da roda dianteira da Issy. Um disparo forte, como um tiro de arma de fogo. Tinha vindo dos arbustos à nossa esquerda, um míssil mal-intencionado voando direito. Ela agarrou nos travões e parou repentinamente. Eu desviei-me dela e não consegui manter-me direita. O cesto tombou e eu vi o coelho deslizar lentamente e cair de lado: o monte de pelo e pele. Ali ficou, de cabeça espalmada contra o lado de verga.

Ouviram-se gargalhadas vindas de trás de uma árvore. A vegetação rasteira rumorejou. A Issy aproximou-se imediatamente e afastou os ramos para o lado.

— Idiota! — Cerrou os punhos com força. De trás de uma árvore saiu um rapaz mais alto do que nós, por volta da mesma idade, calculei eu, talvez um pouco mais velho. Tinha cabelo ruivo. Ruivo escuro, como ferrugem em metal velho, ou uma folha de castanha-da-índia no outono. Segurava a fisga acima da cabeça da Issy.

— O que vais tu fazer? — O seu sorriso triunfante revelou um dente falhado na frente.

Ela saltou, tentando agarrar a fisga, braços delgados a acenar freneticamente. *Daqui a pouco, vai-lhe aos olhos*, pensei eu. Ele atirou a arma para trás das costas com um movimento de pulso. Havia outro rapaz. Outra gargalhada. O outro rapaz apareceu com a fisga pendurada nos dedos.

A Issy ficou estranhamente silenciosa, recuou e foi para a estrada para junto de mim. Ficámos a olhar fixamente para os rapazes. Havia respeito no nosso olhar. Nunca tínhamos estado frente a frente com outros gémeos idênticos. Aqueles dois eram tão semelhantes como nós; exatamente iguais um ao outro, à exceção do dente lascado. E o segundo rapaz tinha um olho negro. Era um olho pisado, a passar do azul carregado para um verde sujo.

Issy recuperou primeiro. — Temos um coelho doente — disse ela, apontando para o cesto.

— Então mostra-nos. — O primeiro rapaz aproximou-se descontraindo.

Estendi protetoramente a minha mão. Mas ele não fez barulho e foi delicado quando se agachou sobre o coelho, franzindo a testa, mãos enfiadas nos bolsos.

— Tem mixomatose. — Franziu o sobrolho, arrastou os pés, abanou a cabeça, indicando para o irmão se juntar a ele. — Vê. — Gesticulou com a cabeça em direção ao cesto.

O outro esfregou a parte de trás do pescoço e resmoneou. Consegui sentir-lhe o cheiro, acre e terroso. Tinha a camisola rasgada e uma crosta comprida ao longo do braço que já estava a cair.

A Issy e eu olhámos uma para a outra. Percebi que ela queria perguntar-lhes o que queriam dizer com aquilo. O orgulho impediu-a. Franziu-me o sobrolho. Eu franzi o meu em resposta. Não queria ser eu a falar. Essa era a função dela. Abanou ligeiramente a cabeça.

O meu coração estava a matraquear dentro do peito como se eu estivesse prestes a fazer uma corrida. Engoli em seco. — O que é isso? — perguntei rapidamente. — O que é mixomatose?

— Uma doença dos coelhos. Eles são uma praga, entendes? Os lavradores odeiam-nos. Por isso fazem-lhes isso — disse o primeiro rapaz. — É uma forma muito má de morrer.

— Então não tem cura? — A Issy levantou o queixo.

O rapaz abanou a cabeça.

— Como se chamam? — A Issy engoliu em seco. Estava a tentar assimilar a informação. A tentar decidir o que fazer.

— Michael — disse ele.

— John — disse o outro. O que tinha o olho negro.

— Eu sou a Viola — disse eu, sentindo-me corajosa — e ela é a Isolte.

— Nomes engraçados — disse Michael, encolhendo os ombros.

Nós não os achávamos engraçados. Eram apenas os nossos nomes. A mamã disse que Viola e Isolte eram nomes de personagens de peças de teatro. Ela escolheu-os para nós porque eram lindos e pertenciam a duas mu-

lheres fortes que tinham conhecido o verdadeiro amor. Abri a boca e tornei a fechá-la. Duvidava que aqueles rapazes estivessem interessados nesta informação. Talvez até se rissem.

A Issy já estava a explicar que, na verdade, as pessoas costumavam tratá-la por Issy, mas o Michael não estava a dar-lhe atenção. Estava de sobrolho franzido como se estivesse concentrado. Apontou para a fisga que o irmão tinha na mão. — Podíamos acabar já com isto.

Demorei um instante a entender que ele estava a referir-se ao coelho. Senti o ar esvaír-se do meu corpo. Lancei-me para diante com os dedos em direção ao cesto.

O John e o Michael olharam um para o outro. — É o mais justo — disse John.

Toquei nas orelhas do coelho. Eram sedosas, como fitas de seda, pintalgadas de castanho e prata. Depois olhei para as pálpebras esticadas, presas debaixo de inchaços purulentos. Mordi o lábio e olhei para a Isolte. Ela anuiu com a cabeça.

— Vai ser rápido? — perguntei.

O Michael estava aos pontapés às pedras do carreiro, como se estivesse à procura de alguma coisa. Pegou numa pedra aguçada e tomou-lhe o peso na palma. — O melhor é fazer à mão — disse ele ao irmão. Passou o dedo pela pedra, sentindo as arestas.

Pousámos suavemente o coelho na beira do caminho. As suas longas garras protestantes, como ganchos em forma de meia-lua, arrastaram pedaços de erva e feto do cesto. Deixou-se ficar onde o pousámos, os flancos oscilando para cima e para baixo. Eu soltei um soluço de choro e tapei a boca com a mão. A Issy manteve o olhar fixo no coelho, mas eu fechei os olhos quando um dos rapazes, não consigo recordar-me qual, o atingiu violentamente com a pedra. Senti o movimento, a destra velocidade do mesmo.

Ouviu-se uma suave pancada surda. Um ruído abafado, não a pancada firme de bola contra raqueta; não metálico, como uma pedra contra uma via-férrea. Algo mais pequeno e menos ruidoso. A cedência de osso delgado e carne. Eu receava que o coelho gritasse. Mas não fez qualquer barulho.

— Está feito.

Eu funguei, engoli em seco e esfreguei o rosto com as costas da mão para limpar as lágrimas.

Mais tarde, Isolte disse: — São porreiros, não são? Aqueles rapazes.

1974

John,

Continuo a escrever estas cartas e a rasgá-las em seguida. Provavelmente farei o mesmo com esta. Nem sequer tenho a certeza do que quero dizer. A não ser que tenho sentido a tua falta. Sinto tanto a tua falta. Já há dois anos, um mês e três dias que não te vejo. Não pertenço aqui. Nunca pertencerei. Anseio pela floresta: o aroma a pinha e névoa no chão, as manadas de veados a pastar. Lembras-te daquela serpente que atravessou o caminho mesmo debaixo dos nossos pés? Acho que nunca tinha pulado tão alto! Puseste a mão no meu peito para sentires o meu coração e troçares de mim. Mas eu acho que também estavas assustado. Só que nunca o admitirias, pois não? Sempre achas-te que tinhas de ser corajoso. Penso em ti o tempo todo, John; e recordo tudo, dando em doida com os «e se?». Sentes-me por cima do teu ombro; sentes o quanto sinto a tua falta? O quanto te desejo? Desculpa-me por tudo, pela forma como as coisas acabaram. Quem me dera poder regressar no tempo e reparar o que fiz. Mas é o que todos desejamos, não é?

Viola

Ben está ao telefone. Faz uma expressão de agrado ao vê-la, mas não para de falar. Isolte despe o casaco e envolve-lhe a cintura num abraço, inalando vestígios do aftershave apimentado e do óleo no pulôver. Ele puxa-a distraidamente para si, anuindo e dizendo: «Claro. Sim, muito bem. Pois» para o auscultador. Ela sente a vibração da voz dele através da caixa torácica. Não consegue ouvir quem está do outro lado da linha. Solta-o e deambula até à porta seguinte.

A televisão está ligada na sala de estar. O som bastante alto. Exibe uma imagem de um *ferry* de lado, oscilando em águas cinzentas. Isolte lê a legenda: *Operação de salvamento de Heraldo of Free Enterprise*. A pivô do noticiário ergue os olhos de debaixo de um capacete oxigenado e informa Isolte que das 539 pessoas a bordo, 193 pereceram.

— Merda. — Isolte desliga o aparelho.

Ela conhece bem o Mar do Norte. Uma extensão de ondas possantes adensadas com areia grossa. Ela já engoliu muita daquela água castanha, sentiu as suas correntes insistentes puxarem-lhe as pernas, atraindo-a para longe da praia. Devia estar um gelo. Quanto tempo teriam conseguido sobreviver dentro de água? Segundos, minutos? Sugados para o fundo pelo navio naufragante. Apanhados pelo frio e pelas correntes. Crianças também, provavelmente. Bebés nos seus carrinhos. O peso daquela água toda. Não teriam tido qualquer hipótese. Ela não quer pensar nisso.

Vai até ao gira-discos e começa a investigar os álbuns de Ben. Consegue ouvir a sua voz na sala ao lado: a voz que faz ao telefone. É rude da parte

dele não concluir o telefonema e vir cumprimentá-la convenientemente. A indignação provoca-lhe tensão na garganta, quase o choro. Ela sente um ligeiro formigueiro nos dedos das mãos e dos pés; pequenas bolhas de frustação estourando-lhe no sangue.

Ela tira o *Let's Dance* de Bowie da capa e coloca-o no prato giratório. Era bem feito para ele se ela fosse para casa. E, de repente, ele está atrás dela, a enterrar o queixo áspero no seu pescoço, a morder-lhe os lóbulos das orelhas.

— Desculpa, querida. Negócios. Sabes como é. — Inspira profundamente. — Céus, cheiras bem.

Querida. O nome dele para toda a gente. Não apenas para ela. Ele profere-o com um grunhido urbano, uma leve nasalidade do Sul de Londres. Ben frequentou a escola pública e os pais vivem numa casa de sete assoalhadas em Kent. Mas ninguém adivinharia. Ele inventou uma nova personagem: um gingão vivido, blusão de cabedal puído, vogais preguiçosas e o modo descuidado como anda — saltitando nas pontas dos pés, passos largos e descontraídos, mais um deambular do que um caminhar. Ela pergunta-se quanto tempo terá levado a aperfeiçoar-se. Ela lembra-se do menino com o blazer às riscas e os calções cinzentos. O que ela viu em fotografias a olhar para o mundo com um sorriso; o que usava um chapéu de palha no verão e jogava críquete pela equipa da casa. Saberá ele nessa altura que queria rejeitar toda essa história privilegiada e reinventar-se?

As costas dela estão ainda pressionadas contra o peito dele; ela resiste-lhe, a boca contraída. Sente os músculos dos braços dele fletirem; os bíceps rijos e tensos. Ben faz exercício físico todas as manhãs. Guarda halteres prateados debaixo da cama. Logo depois da primeira noite que haviam passado juntos, ele tinha saltado da cama para executar o habitual exercício diário. Nua e preguiçosamente estendida sobre os lençóis amarrotados, Isolte observara-o com espanto. Tinha enterrado a cara na almofada, rindo às gargalhadas com a vaidade dele. Mas agora admirava a sua disciplina; ela gosta da força cerrada que sente dentro dele.

Como se sentisse a resistência dela enfraquecer, ele aperta-a com mais força, as mãos cobrem-lhe os seios e vão ao encontro dos mamilos. Ela sente uma pequena reviravolta na barriga. Perdoa Ben. Ele não é capaz de se controlar; quer agradar a toda a gente. É a sua fraqueza e sua salvação. Ela estende os braços e entrelaça os dedos nos caracóis da nuca dele, buscando a sua boca. Ele puxa-a mais para si e faz-lhe a vontade com lábios abertos e língua invasora. E então o telefone toca. Ela sente-o tenso, os músculos dos ombros retesando sob o toque dela. Ele nunca consegue resistir. Segue o impulso.

— Desculpa. — Afasta-se dela.

— Ben. — Ela agarra-o pelo pulôver. — Agora, não.

Mas ele está já a segurar no auscultador e a falar rapidamente, o cabo enrolado na outra mão.

— Claro. — Anui com a cabeça. — Não tem problema, companheiro. Vai ser bom ver-te.

Ele dirige-lhe a sua melhor expressão de atrapalhão, desgrenhando o cabelo com a mão esguia e encolhendo os ombros. — É o Stevie. Está por perto. — Apelando ao bom senso de sobrelhas erguidas. — Sabes que estou a tentar integrar-me com aquele pessoal. A *Harpers* é um bom negócio. Ele vai ficar pouco tempo.

Há sempre gente por ali. Bloomsbury fica mesmo ao virar da esquina do British Museum, a curta distância da Oxford Street, a uma curta caminhada de todos os clubes noturnos e lojas de Soho. Há sempre alguém a ligar, alguém a bater à porta. Faz Isolte ter vontade de fugir. Ela não suporta a exposição, a sensação de ser perseguida.

Stevie, diretor artístico da *Harpers & Queen*, é pálido e magro, com um nariz dominante. Faz Isolte lembrar-se de príncipes venezianos em retratos renascentistas. Ele entra, virando um xaile preto sobre o ombro e tirando o chapéu com um gesto floreado.

— Meus queridos, que noite horrorosa. — Desabotoa lentamente o casaco, revelando uma camisa fúcsia. — Porque é que aturamos coisas destas? Porque não emigramos todos?

Stevie chegou, não apenas para tomar um copo, mas para dar uma olhadela aos diapositivos da sessão fotográfica que ele e Ben fizeram no início daquela semana. Pega na pilha brilhante de folhas de plástico com mãos ávidas e bem cuidadas. Pouco depois, os dois homens estão debruçados sobre a caixa de luz na cozinha, espreitando alternadamente por uma lupa.

— Isto é material de capa — diz Ben com entusiasmo. — Dá uma olhadela. Queres que anote?

Isolte encosta-se à ombreira da porta, observando-os. Preparou uma sanduíche para si e come-a de pé, pedaços de presunto e queijo entre os dentes. O seu plano da comida indiana está arruinado. Aquela noite não está a correr como esperara. Sente-se estranhamente dormente. É demasiado tarde para ir para casa. A ideia de chamar um táxi e de entrar num apartamento vazio transmite-lhe uma sensação de derrota, de vazio. Ela estremece e aconchega mais o casaco de lã em seu redor. Quando é que Stevie se irá embora? Quantos copos serão precisos?

— Então, Isolte, minha querida, — Stevie endireita-se e olha para ela por cima do ombro, — adivinha quem eu vi no Groucho's?

Ela não tem paciência para aquele jogo. Encolhe os ombros.

— A tua nova editora. — Ele observa-a atentamente.

— A sério? — Isolte mantém um tom de voz imperturbado e deixa um toque de enfado infiltrar-se.

— Ela é um bocadinho imprevisível, não é? Não tens medo que vá abanar as coisas?

Isolte suspira. — Realmente, Stevie, gostas mesmo de confusão. Porque é que havia de me preocupar com isso? Ela já disse que adora as páginas de moda.

Ben sorri-lhe. — A Isolte vai fazê-la comer-lhe na mão em menos de nada.

Ele pega na garrafa de vinho que está em cima da mesa, vê que está vazia e faz uma expressão de surpresa. — Outra? — Está já a enfiar a mão no armário para tirar um vinho de Borgonha.

Isolte olha pela janela; através dos reflexos vítreos da cozinha, vê as luzes da cidade a cintilar. Sente o suave ruído surdo de um metropolitano passando bem abaixo da superfície. Ouve um grito esganiçado vindo da rua. Não consegue perceber se o grito é de prazer, ou de medo. Stevie está a falar sobre um anúncio a roupa interior. — Não sei porque deram a campanha ao Josh Anderson. O teu portefólio está melhor que nunca.

Ben inclina-se para a frente, anuindo com a cabeça, os lábios manchados de vinho. — Estou a pensar mudar de agente. A Amanda cometeu demasiados erros. Perdeu o controlo em Nova Iorque.

Isolte está com dores nas costas. Tem estado de pé o dia todo. Engole o último pedaço de sanduíche e pousa o prato no balcão de granito. Os homens não reparam quando ela sai. Trancada no espaço mais tranquilo da casa de banho de azulejos brancos de Ben, ela tira a maquilhagem, arrastando discos de algodão sobre a pele e apagando vestígios de preto e vermelho.

Isolte treme de frio na enorme cama de Ben. Vestiu uma das t-shirts de Ben, mas não ajudou. Fica deitada num sítio para evitar o lençol gelado. Consegue ouvir a voz de Ben, a torrente de palavras mal articuladas, e depois a gargalhada curta e forte de Stevie. Abraça-se, tentando aquecer-se, tentando não sentir autocomiseração. Está mais do que furiosa. Ouve-se o tinido de vidro contra vidro. Ben só irá deitar-se daí a horas.

Ela pensa em Viola, deitada sozinha na sua cama de hospital. O que ouvirá ela? Isolte imagina os passos estridentes das enfermeiras, o movimento do equipamento, a tosse catarral, os vômitos e as lamúrias das pacientes. Barulhos que perduram toda a noite. Ela daria em doida. Mas também não sabe quanto é que Viola absorve. Como um mergulhador, Viola está a nadar longe da superfície, impulsionando-se com pernas e braços para algum lugar enevoado e imaginário. Claro que Isolte sabe o que Viola está a fazer. Está a fugir do passado, a esconder-se da culpa, das memórias.

Viola está a desaparecer, pouco a pouco. Terá conseguido quando tiver desaparecido completamente. — Fica comigo — sussurra Isolte na escuridão. — Não consigo fazer isto sozinha. Viola, não vás. Preciso de ti. Sabes que sim. — Isolte cerra os dedos em punhos, unhas cravando-se nas palmas. Se ao menos fosse tão simples como segurar fisicamente. Se ao menos ela pudesse prender Viola com o toque, puxá-la de volta para um lugar seguro.

Volta-se na cama, pressionando o rosto contra a almofada, tentando abafar os sons vindos da cozinha: o tinido de vidro, fragmentos indistintos de conversa e irritantes explosões de riso. Sem querer, ela vê a mão da mãe em volta de um copo de vinho: mais copos bebidos, sozinha, à mesa da cozinha, de noite, quando elas estavam deitadas. Garrafas escuras de gargalos verdes alinhadas de manhã, vazias. — Venham dar-me um abraço — havia dito Rose, ainda na cama, embora fosse quase hora de almoço. Os olhos raiados de rosa. Isolte ficava sempre para trás, deixando Viola ser a primeira a trepar para cima dos lençóis amarrotados e a provar o hálito fedorento da mãe.

Nem sempre tinha sido assim. Quando se mudara para a floresta, Rose não bebia e a maioria das vezes levantava-se antes delas e descia para fazer papas de aveia. — Esta é a nossa nova vida, meus anjos — cantarolava ela. — Não é excitante? Só nós as três. Nada de chuvisco galês, nem de homens egoístas. — A cantarolar, levava a roupa lavada para o quintal; os dedos firmes enquanto pendurava peúgas e camisolas na corda, a roupa oscilante uma promessa tangível de que tudo podia ser lavado.

Numa manhã de escola, quando o ar estava repleto de energia crescente, Rose estava descalça a estender roupa. Uma sombra repentina extinguiu o sol e o céu estalou com um som semelhante ao de um machado rachando uma árvore. O aguaceiro foi violento. Rose largou a roupa e chamou-as para a chuva. — Olhem! — Estendeu os braços e inclinou a cabeça para trás. — Venham sentir. É maravilhoso! Que chuva deliciosa e molhada! — Fizeram uma corrida em torno do solo encharcado, ainda de peúgas e sem sapatos. Os cabelos colados à pele, água inundando boca e olhos. Rose agarrou-lhes nas mãos e dançou com elas, cantando e saltitando. As suas pernas estavam salpicadas de lama, o coração era uma trovoadá violenta. E riam-se; não conseguiam parar. Ficaram com a cara dolorida e um ardor no peito.

Na cozinha, a mãe envolveu-as num abraço molhado, roupa a pingar no linóleo, e sussurrou: — Minhas queridas meninas. Vamos ficar bem, não vamos? — Isolte sentiu a pele fria da mãe de um lado, omoplatas curvadas como as de um pássaro que não voa, e do outro, Viola, tão insubstancial como o reflexo da própria Isolte. Nesse momento ela teve medo que o cír-

culo das três fosse demasiado frágil. A boca escura da floresta e a língua molhada da chuva iriam engoli-las. Sentiu um arrepio.

Rose afugentou a escuridão tempestuosa. Havia uma pilha de xelins à espera de irem para o contador. Embora fosse manhã, ela acendeu as luzes da cozinha e o aquecedor para secar a roupa, três barras cor de laranja incandescentes. O cheiro a algodão húmido e quente encheu o ar. O rádio estava a tocar *Here Comes The Sun*, e a mãe aumentou o volume e cantou a canção enquanto estava ao fogão a fazer chocolate quente. Isolte foi buscar o frasco de melação para as papas de aveia e mergulhou lá o dedo, chupando-o e deixando cair fios pegajosos de doce pelo queixo. Viola estava sentada no chão a descalçar as peúgas enlameadas. A chuva caía lá fora, embaciando as janelas da cozinha; a gata entrelaçava-se nas pernas da mãe, pedindo leite.

Minhas queridas meninas.

O Luke e a Abby chegaram de Gales numa caravana de campismo VW púrpura, decorada com estrelas, luas e flores. A tinta estava rachada e a cair à volta das pétalas e havia fios a escorrer das pontas das estrelas. Estacionaram a caravana no caminho de entrada, ao lado da *Vespa*, com *sidecar* em forma de ovo, da mamã.

A Abby saiu aos trambolhões da caravana diretamente para os braços da mamã. Ficaram no caminho de areia com os braços à volta uma da outra, enquanto o Luke, um homem esquelético com cabelo cortado à tigela, bocejava, esticava a barriga e se espreguiçava, mostrando manchas escuras nos sovacos da camisa. O Luke não pareceu importar-se que a mamã e a Abby estivessem a fazer figuras tristes. Sorriu vagamente para nós e estalou os longos dedos, um a um.

— Oh, que bom ver-te. Senti saudades tuas! — suspirou a mamã. A mamã disse-nos ainda outro dia que uma das razões por que saímos da comunidade foi ninguém daquele grupo ter bons modos, nem verdadeira generosidade de espírito. No entanto, ali estava ela a convidá-los para ficar, a comportar-se como se fossem parentes que não via há muito tempo. Estes dois chegaram com os cheiros da comunidade a pairar atrás deles. Os nossos narizes reconheceram a humidade bafienta, o arroz espapaçado, pachuli e sândalo; aquele odor pegajoso, como se entranhava em todas as nossas coisas, até nos cabelos. Gostávamos de viver sem as regras dos outros, brigas constantes, roupas andrajosas e sapatos enlameados, sem termos de partilhar tudo. Gostávamos de não

ter de tratar a mamã por «Rose». Acima de tudo, gostávamos de a ter só para nós.

— Durmam em casa — disse-lhes a mamã. — Temos um quarto extra. (Ela tinha passado a manhã toda a limpá-lo, cabelo preso num lenço, a limpar o pó, até passeando o velho aspirador pela casa, arriscando electrocutar-se com a tomada manhosa. Tinha colocado uma lâmpada nova no candeeiro com o abat-jour de juta e pendurado um tapete de macramé sobre a mancha húmida na parede.) Mas o Luke e a Abby tinham dito que não queriam dar trabalho a ninguém e voltado para a caravana naquela noite, trancando-se lá dentro.

Na manhã seguinte, as janelas da caravana estavam embaciadas com condensação. O casal emergiu descalço e bafiento. A Abby e a mamã sentaram-se à mesa da cozinha a bebericar chá e a falar baixinho. Ignoraram-nos. — Mexeriquice — disse Luke, acenando com a cabeça para as mulheres — tão saborosa. — Piscou o olho. — Vejam como aquelas duas adoram engoli-la. — E sorriu ironicamente, sem se mexer do seu lugar num banco ao lado do fogão de lenha, uma guitarra no colo e os dedos agarrando uma chávena de café. Colocou um cigarro enrolado entre os lábios e inspirou profundamente, olhos lentos como os de um gato. Os pés estavam apoiados numa cadeira e eu vi que as solas estavam cinzentas, as unhas espessas e amarelas, frisadas nas extremidades. Desviei rapidamente o olhar.

A Abby sacudiu a trança tingida com hena por cima do ombro. Ficou pendurada como uma cauda magra pelas costas abaixo. Eu ansiava poder dar-lhe um puxão forte.

— Cala-te, Luke, estamos só a pôr a conversa em dia. Há eras que não nos víamos. — A Abby fez uma espécie de cara de bebé amuado. — Só porque tens bloqueios afetivos e não consegues revelar o teu eu interior. — Agitou as mãos, colocando-as sobre a boca enquanto se ria. Ela tinha uma gargalhada esganiçada. E ria-se muito.

— Parece que ela está a precisar de lubrificação — segredou-me Issy, empurrando a cadeira para trás e franzindo o sobrolho.

As mulheres estavam a cortar cogumelos e beringelas para fazer lasanha.

— Adoras mesmo isto aqui, não adoras? — A Abby arregaçou as mangas para expor braços rechonchudos e uma pequena tatuagem em forma de borboleta no pulso.

— Céus, é uma sensação enorme de liberdade. Uma espécie de emancipação, sabes? — A mamã falava alto e gesticulava com os braços. — O veados vêm ao quintal. Estou a cultivar os meus próprios vegetais. Tomo as minhas decisões. Não há regras de caca para seguir. — Colocou a mão

sobre a barriga e deu umas palmadinhas. — Sei, cá bem no fundo, que fiz a coisa certa.

A mamã olhou de relance como se tivesse acabado de reparar em nós. — Oh, estão aí. Tomem o pequeno-almoço. Há muesli no pote — disse ela vagamente. O Luke inclinou a cabeça para trás e começou a soprar anéis de fumo. Nós observámos, relutantemente impressionadas com os discos flutuantes que se desfaziam uns nos outros.

A Abby pousou a faca e inclinou-se sobre o Luke, prendendo o cigarro dele entre os dedos salpicados de cogumelos. — Dá-me uma passa, bebé.

Tirou o cigarro enrolado dos lábios do Luke e beijou-o antes de o colocar na boca. Os lábios deles deram um estalido. Eu vi a língua dela, a ponta do cigarro castanha e encharcada com o cuspo dele. Então a mamã pegou no cigarro e colocou-o na boca. Foi como se estivesse a partilhar a saliva deles, os beijos deles. Tirou-me a vontade de comer os cereais. A ideia das línguas deles era ainda mais repugnante do que as pequenas larvas brancas que por vezes encontrávamos no fundo do pote.

A mamã também soprou um anel de fumo. O Luke olhou para ela, com fumo ainda a subir pelos cantos da boca. Os dedos compridos começaram a dedilhar as cordas da guitarra. — *Oh, baby, baby, it's a wild world.* — A voz lamuriosa dele erguia-se e trinava como um pássaro. A Isolte deu-me um pontapé por baixo da mesa e fez sinal com a cabeça em direção à porta.

Lá fora, enchemos os pulmões de ar fresco e rimos a bandeiras despregadas. A Issy levantou a cabeça e começou a uivar como os lobos, transformando as palavras da canção em guinchos arrastados. — *Baby, ooooo, it's a hoowwl wild world!*

— Chiu. — Empurrei-a e olhei para trás.

Abrimos a porta da caravana; tinha um banco ao longo de um dos lados, uma pequena mesa e uma pia pouco maior do que a de uma boneca. Havia umas roupas amarrotadas no chão. Um casaco de pele de carneiro esparramado, revelando o seu interior: um baixo-ventre de pelo descolorido e aglomerado em montículos com gordura. Farejámos. O ar estava saturado e bafiento, adocicado com o fedor horroroso a sândalo. Tentáculos fragmentados de bolor prolongavam-se em redor dos caixilhos plásticos das janelas. Acima das nossas cabeças havia uma plataforma com um colchão; conseguíamos ver apenas um saco-cama enrolado. — Foi ali que eles fizeram sexo — disse Isolte.

— São demasiado velhos para fazerem sexo. — Puxei-lhe a manga. — Anda. Vamos embora, *bebé.*

...

Não demorámos muito a ir de bicicleta até aos barracões na orla do paul. Conseguimos ouvir o som de madeira a bater em madeira quando entrámos no pátio da quinta. Os rapazes estavam a atacar-se com paus compridos. Faziam pontaria como se tivessem espadas, estoqueando-se e balançando-se. Os paus silvavam ao cortar o ar. *Zás!* A madeira embateu no braço do John. Ele gritou e desceu a arma com força sobre o ombro do Michael.

A Issy e eu abandonámos as bicicletas e sentámo-nos no muro baixo do pátio para observarmos. Os rapazes não deram qualquer sinal de reconhecimento da nossa presença e continuaram com a luta de espadas. Já devia ter começado há algum tempo. Os rostos deles estavam corados e húmidos, fios de cabelo colados à pele. Precipitavam-se um contra o outro, pés derrapando e arrastando-se para trás e para a frente por cima do lodo preto e de pedaços de palha. Enquanto os observava, reparei que o Michael era um pouco mais alto e pesado. Um tipo diferente de energia estalava em torno dele, transformando-lhe o cabelo num halo desgrenhado. Ele lutava com agressividade, os seus golpes carregavam mais peso. Mas o John tinha pés ágeis. Agachava-se e dançava como um pugilista.

O dia estava limpo e azul, intensificado por um vento salgado que vinha do mar. Trememos, vestimos os anoraques, mãos bem enfiadas nos bolsos, e esperámos. Havia um cheiro a esterco vindo de um monte de adubo. Uma ténue nuvem de vapor erguia-se acima deste. Reparei que o John ainda tinha uma mancha acinzentada no olho magoado e que os atacadores se tinham desapertado. Observei-os, com ansiedade, tombarem em redor dos pés dele, sabendo que ele acabaria por pisá-los e cair.

Entrou um trator no pátio, as suas enormes rodas revestidas de pedaços de lama. O homem abriu a porta da cabina e debruçou-se para fora. — Saiam da frente!

O John e o Michael pararam, baixando os paus a arfar. Olharam para o homem e o Michael inclinou o queixo e espetou o dedo do meio. — Quem é que vai obrigar-nos?

Nós descemos do muro e corremos atrás dos rapazes, que se tinham desviado do trator e seguiam em direção ao rio. Eu fiquei um pouco para trás, pois tive dificuldade em passar por baixo de uma vedação de arame farpado, e depois atravessei a toda a velocidade um campo com vacas. A minha respiração estava ofegante; o terreno era bastante íngreme. Parecia que estava a perder o controlo dos meus pés; tropeçava em montículos de erva densa e acertei uma vez em cheio numa bosta, salpicando-me toda. Não me atrevia a olhar por cima do ombro. Tinha a certeza que o fazendeiro estava a seguir-nos. O medo fez-me rir histericamente.

Quando fugíamos pelo campo, as vacas mexeram-se com inquietação,

as suas grandes cabeças baixas, olhos revirando-se. Uma delas mugiu-me e resfolegou através de narinas alargadas. Era suficientemente grande para tapar a luz: uma parede de músculo, osso e pelo. Olhei desamparada para os restantes, que tinham chegado ao portão em segurança. Estava encurrallada e ofegante. A vaca olhava impassivelmente para mim. Avançou um passo na minha direção, baixou a sua pesada cabeça e eu vi a humidade viscosa do seu nariz cinzento, os tocos dos cornos projetando-se entre as orelhas. Dei um passo atrás. Ela resfolegou e abanou os cornos na minha direção. Eu fechei os olhos com força e agitei os braços.

— Desaparece! — vociferei. — Vai-te embora! — Abri os olhos para ver o seu traseiro malhado a bambolear-se aos tropeções colina acima.

A Issy estava com os rapazes do lado de fora do portão, cotovelos na barra de cima. Estavam encostados uns aos outros, a rirem-se. Era eu, constatei: era eu a piada. Aproximei-me deles com as faces a arder. Olhei de relance para a Issy. Mas ela estava a sacudir os cabelos e tinha um sorriso animado a transformar-lhe o rosto enquanto olhava para o John. E eu senti um tipo diferente de pânico: o chão a fugir-me debaixo dos pés.

Sentámo-nos no topo da colina a observar o rio abaixo. Ali o terreno estendia-se numa irregular superfície acidentada, salpicada de tussilagem e cardo. Havia sepulturas abaixo de nós. Sepulturas antigas pertencentes a pessoas que tinham vivido ali há milhares de anos. Toda a colina era um cemitério. Fragmentos de cerâmica e pedaços de ossos, pontas de setas e até broches de bronze e em forma de escudos tinham sido desenterrados e expostos num museu da cidade. A mamã tinha-nos dito que a colina era um lugar mágico, cheio de espíritos dos mortos. Perguntei-me se haveria naquele momento algum corpo debaixo de mim, talvez uma criança, encolhida no seu túmulo cerimonial, e se se importaria que eu estivesse sentada em cima dela.

— Eu conheci um homem que foi esmagado por uma manada de vacas — disse o John em tom de conversa, enquanto todos contemplávamos o longo braço do rio até ao distante reflexo do mar do outro lado. — Não consegui reconhecê-lo. A cara estava feita numa papa.

Eu não queria fazer mais nada que me excluísse. Por isso, embora estivesse interessada na história dele, não disse nada. Mas o Michael deu um encontrão no ombro do irmão. — Tretas! E quem foi? — O Michael virou-se para nós de mãos abertas. — É tão mentiroso!

— Não sou nada! — O John enganchou o braço em torno do pescoço do irmão e os dois começaram a lutar e caíram sobre a erva longa; o Michael tinha ficado por cima e estava a empurrar a cara do John para baixo. — Mentiroso! Mentiroso! — Com um torcimento do torso e um grunhido, o John conseguiu sair de debaixo do Michael e deu-lhe um soco na orelha.

Braços e pernas magros afundavam-se e agitavam-se com brusquidão. A Isolte e eu entreolhámo-nos de sobranceiras erguidas.

— A nossa cabra teve um bebé — anunciou Isolte em voz alta, debruçada sobre eles. Os rapazes pararam de rebolar e sentaram-se, com sementes de erva no cabelo.

— Um cabrito, queres tu dizer. — John esfregou o nariz. — Menino, ou menina?

— É um menino — disse eu.

O Michael levantou-se e passou transversalmente os dedos pelo pescoço.

— Então é para o tacho.

— Não sejas tolo — disse Issy friamente.

— Cuidado para o *Black Shuck* não o apanhar. — John sacudiu a cabeça.

— Quem?

— O cão fantasma — explicou Michael. — Maior do que um lobo. Mata-nos com um olhar.

A mamã tinha fechado a *Tess* no barracão com o cabrito. Ele era frágil e branco, com longas pernas nodosas. Tinha-me lambido os dedos com a sua língua áspera. Tínhamos ido vê-los naquela manhã e apanhado palha fresca; o bebé estava de joelhos a mamar afincadamente na *Tess*, que, pela primeira vez, parecia feliz por estar à espera.

Não ia entrar nenhum cão fantasma para comer as nossas cabras. Tínhamos puxado o ferrolho da porta do barracão depois de termos saído. Eu tinha a certeza.

— Estou com fome. — O Michael afastou-se, sacudindo erva dos joelhos.

Estava na hora do almoço. Eu sabia que a lasanha já estaria cozinhada, cremosa e quente, as fatias de massa crocantes nas bordas. A mamã já a devia ter colocado sobre uma base em cima da mesa. Talvez houvesse uma salada verde a acompanhar e grandes nacos de pão escuro e manteiga. O meu estômago roncava. Olhei fixamente para o padrão de luz e sombra que se movia sobre os charcos e vi as aves marinhas reunirem-se na água lodosa. Havia uma balsa a atravessar para a outra margem. O homem com os remos remava lentamente e as pás não emitiam salpicos.

Fomos buscar as bicicletas ao urtigal por detrás da quinta, onde as tínhamos deixado.

— Venham até nossa casa — disseram os rapazes. — A mãe faz-nos alguma coisa para comer.

Não íamos recusar tal convite, com lasanha ou sem lasanha.

...

Eles viviam na orla de um campo, numa casa geminada no meio de uma fiada de outras ao longo de uma estrada estreita e enlameada. As pequenas casas de campo idênticas eram de tijolo encarnado e tinham telhado de ardósia; cada uma tinha uma porta verde e três janelas. Havia uma uniformidade nas janelas pintadas de branco com cortinados rendados; os jardins frontais eram quadrículas de relvado salpicadas com gnomos e caminhos de seixos flanqueados por canteiros. Alguns dos jardins tinham canteiros com verduras que formavam matagais de verde e gavinhas encaracoladas. Pedacos de folha de alumínio esvoaçavam para manter os pássaros afastados. Havia caixas ao lado de portões de jardins cheias de produtos agrícolas: ramos de cenouras e sacos de batatas, com os preços escritos a giz em quadrados de cartão (três centavos cada ramo) e frascos pousados ao lado para depositar o dinheiro.

A casa do John e do Michael era a que se destacava das outras. A tinta dos caixilhos das janelas estava a descascar, com pedaços e lascas suspensos como caspa gigante. A casa estava praticamente toda escondida por um enorme alpendre, a cair aos pedaços, erigido no quintal, e uma confusão de partes de carro, uma motocicleta velha, pilhas de pneus e um trator velho sobre a lama. Ao lado da miserável porta de casa havia uma casota de cão empoleirada em cima de latas de combustível enferrujadas.

Entrámos atrás dos rapazes, inalando o cheiro a fritos. Uma adolescente com uma nuvem de cabelo branco frisado estava esparramada no sofá diante de uma enorme televisão. Pastilha elástica rebentava-lhe entre os dentes e bolhas cor-de-rosa erguiam-se na sua língua como abscessos.

Olhei para o ecrã luminoso e vi um musculado homem seminu de tanga. O homem puxou um chimpanzé para cima do seu ombro largo e segurou numa vara. Uma horda de nativos entoando cânticos juntou-se atrás dele. Nós não tínhamos televisão. A mamã não acreditava em tal coisa.

— A mãe está na cozinha — disse a rapariga loura sem tirar os olhos do ecrã. — Vocês vão ouvi-las.

— Aquela é a Judy. É uma vaca — disse Michael em voz alta. A Judy continuou a mascar com o olhar fixo no filme. Ela devia ter uns catorze ou quinze anos. Mas percebemos de imediato que a diferença de idades entre nós estava estendida e alongada por uma fascinante riqueza de conhecimentos e segredos de adolescência que nós só podíamos conjecturar.

O interior da casa deles não era, na verdade, mais pequeno que o nosso, mas parecia mais acanhado, ocupado com ornamentos e a abarrotar de mobília.

Eu queria examinar os gatos de porcelana e os meninos querubínicos carregando cestas de fruta. Os meus dedos ansiavam por lhes tocar. Ouvimos uma voz de mulher a chamar da sala ao lado. Um tapete cor de laranja

avivava o chão, que rangeu debaixo dos nossos pés quando os rapazes nos empurraram à frente deles.

Uma mulher baixa e rechonchuda estava ao fogão; atrás dela, uma panela com óleo fervente emitia salpicos. Ela mergulhou uma concha de metal na panela e extraiu um monte de batatas fritas reluzentes. Na outra mão, tinha um cigarro. Virou-se de boca aberta quando nos ouviu, como se fosse dizer qualquer coisa. Quando nos viu, deixou-se ficar simplesmente como estava, concha com batatas fritas numa mão e cigarro na outra, boquiaberta.

— E quem são estas meninas? — acabou por perguntar.

O John deu-me uma leve cotovelada no fundo das costas. — A Issy e a Viola. Elas querem almoçar.

Ela fez-nos sanduíches de batata frita em pão branco fatiado com margarina e ketchup. Comemos sentadas à mesa de fórmica, oscilando as pernas, com canecas de chá quente adoçado junto aos cotovelos. A mãe dos gémeos não parava de nos fazer perguntas. Parecia não se incomodar com o facto de respondermos de boca cheia. Tratava-nos por «amor». Os rapazes ignoravam-na e comiam rapidamente, usando ambas as mãos para enfiarem o pão na boca. Conseguíamos ouvir a televisão na sala ao lado, o eco do grito do Tarzan e o rugido de um leão. A sanduíche estava deliciosamente gordurosa. Perguntei-me se a seguir nos seria permitido sentarmo-nos com a irmã loura a ver televisão. Bebi um gole de chá, os meus dedos deixando marcas engorduradas na asa.

— Eles nunca tinham trazido miúdas cá a casa, — disse-nos a mãe dos rapazes, — muito menos gémeas. Espero que estejam a tratar-vos bem. — Virou a atenção para os filhos, esfregando o queixo com dedos cheios de anéis de ouro. — Vejam se têm modos, senão...

John sorveu ruidosamente o chá e deu-me um forte pontapé por baixo da mesa. — Uh-uh. — Afastou o prato deixando um rasto brilhante encarnado. Ele mergulhou o dedo, envolveu-o no molho de tomate, colocou-o na boca e piscou-me o olho.

Isolte estremunha, vagamente ciente da cama que se mexe sob o peso de Ben; ela suspira, reajustando a sua posição à inclinação do colchão. Ele resmunga e o seu braço atravessa-se sobre a cintura dela, inerte e pesado. Ele adormece imediatamente, os pés frios contra os dela.

O coração dela bate rapidamente. Lá fora, as árvores sussurram e agitam-se na escuridão. Ela não sabe onde está. Isolte fita o teto invisível, à escuta. Alguma coisa a acordou. Ruídos lá em baixo. Ela levanta-se da cama. Desorientada, Isolte avança aos tropeções pelo quarto escuro, em desequilíbrio.

Abre uma porta e entra na cozinha da sua antiga casa na floresta.

A mãe está a cambalear pelo cómodo com movimentos erráticos, passa desequilibradamente pela mesa, a anca embate numa cadeira. Está bêbeda. Isolte consegue perceber a aflição no seu rosto; os membros trémulos são impulsionados pelo objetivo. Rose baixa-se vacilantemente e tira uma garrafa de vodka do armário da cozinha, de trás de espanadores não usados e um emaranhado de luzes de árvore de Natal avariadas. Dirige-se ao fundo das escadas e para por instantes a resmungar. Isolte não consegue ouvir as palavras, mas sabe para onde vai a mãe.

Isolte vai até à porta e para, pés bem firmes, braços bem esticados para se segurar à moldura da porta. — Volta — diz-lhe ela. — Volta para a cama.

Claro que a mãe não consegue ouvi-la. Aproxima-se o suficiente para Isolte ver o seu olhar vítreo, as faces molhadas e a boca aberta. — Estou tão

cansada — sussurra ela. O seu hálito é fétido, como se houvesse podridão dentro dela. O cabelo cai-lhe para a testa, longo e escorrido. Ela abre a porta, a sua mão passando pela pele e costelas de Isolte, dedos movendo-se através dos pulmões e dos ossos da sua coluna.

Lá fora, ao luar, as árvores são fustigadas por um vento leste. Este asso-bia por entre a erva alta, atravessa velozmente a superfície ensopada do relvado. Rose cambaleia até à *Vespa*, garrafa suspensa nos dedos. Ela tenta pôr a lambreta a funcionar, mas não consegue enfiar a chave na ignição. Metal resvala em metal, riscando e arranhando. Isolte aproxima-se para agarrar na mão da mãe e lhe tirar a chave. Os dedos fecham-se sobre o vazio.

A *Vespa* ganha vida. A mãe agarra no guiador e liberta a embraiagem. A lambreta avança aos pulos, oscilando ao longo do caminho enlameado. E, de repente, ela acelera e afasta-se imprudentemente a toda a velocidade. Isolte corre atrás, corre o mais depressa que consegue, até deixar de sentir a terra molhada debaixo dos pés. Inclinando-se para diante de braços esticados, ela está no interior da corrente de ar da lambreta e vê o cabelo da mãe esvoaçar atrás dela, fagulhas de vermelho e ouro na escuridão.

A máquina oscila perigosamente ao desviar-se de buracos na estrada, chia nas curvas, derrapa quando encontra asfalto liso. Isolte está em toda a parte. Gira em torno da mãe, vê a sua boca escancarada, o brilho nos olhos vitrificadas; mergulha rapidamente sobre a *Vespa*, olha fixamente para a estrada escura e para o pálido brilho amarelo do farol. A luz varre as árvores, apanhando o esvoaçar das asas de insetos minúsculos. E, de repente, estão a percorrer a estrada principal, atravessando a aldeia e saindo pelo outro lado. Sobre a ponte, apanhando a estrada estreita ao longo dos terrenos alagadiços. Não há cavalos nos campos. Isolte consegue ouvir o mar.

No caminho de acesso à praia, a mãe para perto da cabana da guarda costeira. Desatarraxa a tampa da garrafa de vodka, inclina a cabeça e bebe como se fosse leite. Agora está a cambalear sobre os seixos e os seus pés, que pisam ruidosamente as pedras, torcem-se subitamente. Rose cai de joelhos e ri-se, lançando a cabeça para trás e expondo o pescoço branco. — A culpa é tua! — grita. — A culpa é tua!

— Eu sei. — Isolte tapa os ouvidos com as mãos; sussurra-o novamente. — Eu sei.

Rose leva a garrafa aos lábios, engole e atira-a fora, lançando-a para a escuridão. Isolte ouve o ruído surdo desta a aterrar, o barulho de pedras deslocadas. E, subitamente, a mãe está a chorar, a rastejar sobre os seixos, os cabelos emaranhados arrastando-se, a saia presa debaixo dela. Ela soluça, o peito oscila e os ombros tremem. Levanta-se com dificuldade.

Acontece em câmara lenta, como sempre: a mãe avançando em direção à investida das ondas espumosas, os dedos dos pés desaparecendo nas

primeiras bolhas brancas. A camisa de noite enche-se de ar à superfície e depois esvazia-se e afunda-se nas ondas. Ela não para nem estremece com o frio.

E é neste momento que Isolte a segue, correndo aos tropeções para a água, mãos estendidas para a poder puxar, tentando agarrar-lhe o braço. Cada vez que tenta agarrar carne e osso, a mão desliza através de um zunido de ar eletrificado. Os seus dedos formigam e descem vazios. Ela sente a ferroadada do gelo em redor das pernas. A pele fica arrepiada. Ela sustém a respiração e prepara-se contra a força das ondas, equilibrando-se em pedras escorregadias. — Para! — grita ela. — Para! Mamã, desculpa. Não vás! Não vás...

O assobio das ondas e do vento engole-lhe as palavras. A mãe já está submersa na água escura. O seu cabelo flutua num leque mais leve ao seu redor. A cara é um borrão pálido. Isolte não consegue ver os seus olhos, não consegue ver a sua expressão. E não existe nada para além da noite e do mar escuro.

— Issy... querida... está tudo bem...

E ela está acordada, agitada nos braços de Ben, as faces molhadas. Enterra o rosto na curva do ombro dele. Os braços dele envolvem-na com força. Ela para de lutar, respira profundamente e sente o hálito bafiento de Ben, o odor do detergente azul dos lençóis.

— Estás em segurança. — A boca dele vai ao encontro do pescoço dela. — Estás comigo.

A escuridão do quarto esbate-se à medida que os seus olhos se adaptam e ela consegue discernir as formas do quarto de Ben: o reflexo do espelho na parede, o ângulo de um candeeiro, o brilho débil de um candeeiro de rua através dos estores fechados. E Ben apoiando-se nos cotovelos, o cabelo espetado, os ombros largos um peso acima dela.

— O que se passa, Issy? — pergunta ele delicadamente, a voz rouca do sono e do vinho. — Não é por eu ter vindo tarde para a cama, é?

Ela resmunga e abana a cabeça.

— Um sonho mau? — Ele acaricia-lhe desajeitadamente os cabelos, os dedos prendendo-se nos nós. — Já os tiveste outras vezes. Queres contar-mos?

Ela engole em seco e lambe os lábios secos. Sente-se exausta. Agora recorda-se. O Stevie esteve lá. Ben a deitar-se ao seu lado muito mais tarde, a mão quente na sua anca.

— Desculpa-me por ontem à noite — diz ele timidamente no silêncio do quarto. — Bebi de mais. Estava demasiado entusiasmado com as foto-

grafias. Acho que vou conseguir uma capa com elas... mas não devia ter ficado acordado com ele. Ia ser a nossa noite. Desculpa.

— É um sonho recorrente... com a minha mãe — diz ela subitamente.
— Não consigo livrar-me dele.

Ben está em silêncio; ela consegue senti-lo à espera. Pousa a cabeça no peito dele, na pele quente, ligeiramente pegajosa, e ouve o batimento do seu coração debaixo do ouvido, um líquido a gorgolejar-lhe no estômago. Talvez seja o conforto da escuridão, ou exaustão, ou até a falsa sensação de segurança que tomou conta dela nas últimas semanas, mas Isolte começa a falar.

— Ela suicidou-se. — Mantém os olhos fechados enquanto fala, o ouvido encostado à curva das costelas dele. — Afogou-se numa praia. Durante a madrugada. Estava bêbeda, mas não foi nenhum acidente. Encontraram pedras nos bolsos dela.

Ela ouve o batimento cardíaco dele acelerar para uma trovoada surda. — Céus. — O choque faz-lhe vacilar a voz. — Quando?

— Tínhamos doze anos.

Ouve-se o clique húmido de Ben a engolir, o abrir e fechar da sua garganta. — Querida, lamento imenso. — Acaricia-lhe as costas. Longas carícias firmes. — Não admira que chores durante o sono.

Ela estremece.

Isolte respira fundo. — As coisas... bem, as coisas tinham ficado muito complicadas em casa.

Uma porta desliza e fecha-se dentro dela. Os seus dedos cerram-se em punhos e ela rola para longe de Ben. — Foi há muito tempo — diz ela com peremptoriedade, batendo na almofada e encostando-se a ela. — Desculpa ter-te acordado. Acho que é melhor dormirmos mais um bocado. — Boceja. — Amanhã temos de nos levantar cedo.

— Ok. — Ben puxa-a para si e enterra o nariz na parte de trás do pescoço dela. Boceja também, um jato de som exalado. — Como queiras. — Faz um estalido com os lábios e estica o braço para beber um gole de água de uma garrafa que está no chão. — Não me vou intrometer. Mas estou aqui e preocupo-me contigo; sabes isso, não sabes, Isolte? Estou aqui, se quiseres falar comigo.

Isolte enfia mais um pedaço de papel na máquina de escrever. Franze o sobrolho e os seus dedos primem as teclas, *tac-tac-tac*. «*Neste verão o importante é a cor. Rosas vivos e laranjas luminosos. Não receiem misturá-los. O choque é a nova combinação.*» Suspira, abre um frasco de tinta corretora e pinta a última frase de branco. As letras continuam visíveis, sombras cinzentas debaixo do branco esborratado. Ela pega no café que trouxe da rua e beberica. Está tépido e amargo. Devia ter pedido açúcar.

Recosta-se na cadeira e espreguiça-se. Está na secretária desde que chegou naquela manhã. Precisa de terminar aquele artigo antes da hora do almoço. Gira na cadeira e olha em redor. O departamento de moda fica no centro da redação em espaço aberto. Da sua posição estratégica, ela vê as raparigas na mesa dos estagiários a examinarem minuciosamente artigos em busca de viúvas e gralhas. O departamento de arte, posicionado no fundo da redação, é onde se faz o layout das páginas e os modelos em tamanho real. Jason, o diretor artístico, está lá naquele momento, empoleirado num banco.

A assistente de Isolte, Lucy, aparece à porta do guarda-roupa; um vestido de noite prateado desliza-lhe sobre um braço. — A *Chanel* vai mandar alguém vir buscar isto? — pergunta ela.

Isolte anui com a cabeça. — Esta tarde.

Isolte consegue ver dali o perfil da nova editora: Sam Flower, com a aparência de uma miúda de vinte anos, cabelo preto bem curtinho. Está a fumar e a falar ao telefone. Exala uma longa pluma de fumo e ri-se, gira

na sua cadeira e dirige-lhe um súbito sorriso rasgado de batom vermelho e dentes brancos.

Isolte assusta-se e a cor sobe-lhe às faces. Ela sente como se tivesse sido apanhada em flagrante. Baixa rapidamente a cabeça e continua a teclar. «*Que a vossa paleta seja um turbilhão de cor.*» Oh, céus. O que se passa com ela? Nunca vai conseguir terminar aquilo a horas. Pega numa caneta e começa a batucar com ela nos dentes da frente. A sua atenção é desviada para o quadro de cortiça que está junto à secretária. Tem afixados cartões com o contacto de modelos, fotógrafos e maquilhadores; algumas polaroides de sessões fotográficas recentes. No centro está a fotografia de um enorme cavalo dourado no meio de um campo de erva amarela. Encontrou-o por acaso numa revista há alguns meses e, num impulso, rasgou a página e afixou-a no quadro. Inclina-se para a frente e pega nela, fitando-a como se pudesse dar-lhe inspiração.

— Que espécie de criatura é essa? — Lucy está a espreitar por cima do ombro dela.

— *Suffolk Punch.* — Isolte passa um dedo sobre a imagem. — Lindo, não é? Já não restam muitos.

— Tenho medo de cavalos — admite Lucy. — Prefiro-os à distância.

*

Era verão quando se depararam com o cavalo. A fibra de árvores estalando e crepitando. O ar repleto de ouro e de odores a musgo e cortiça. Tinham estado a fazer gazeta, claro. Uma manhã quente de sexta-feira, os quatro a deambularem pela floresta, começando a sentir fome. E lá estava ele.

Estivera a pastar numa clareira. Não tinha qualquer correia. Quando os ouviu, levantou a cabeça e fitou-os. Tinha uma fina marca branca entre os olhos. Sacudiu a cauda cor de areia para atingir as moscas que zumbiam em torno da sua pele quente.

— Vem cá, menino — chamou John num suspiro baixo.

— Vamos levá-lo — sussurrou Michael, aproximando-se de mãos abertas e fazendo estalidos com a língua.

John avançou lentamente ao longo de um feixe de luz, sem fazer barulho.

O cavalo estremeceu violentamente, levantou abruptamente uma pata traseira e depois bateu com esta no chão, a cauda agitando-se de um lado para o outro.

Viola preparou-se mentalmente e engoliu em seco.

— É só uma mosca que está a incomodá-lo — resmungou John. Ao

chegar ao lado do animal, levantou a mão para lhe tocar no pescoço. — Rápido — disse por cima do ombro. — Issy, dá-nos o teu cinto.

John colocou a boca perto do focinho do cavalo e soprou suavemente para as narinas alargadas. As orelhas do cavalo espetaram-se para a frente. Ele manteve-se imóvel enquanto Michael lhe enfiava o cinto em redor do pescoço e o prendia. Teve de usar o último buraco.

— Queres subir? — Michael levantou ligeiramente a cabeça.

— Sem brida nem nada? — Isolte olhou para os cascos enormes e em seguida para as costas nuas do cavalo. A cernelha ficava mais alta do que o topo da cabeça dela.

— Nós seguramo-lo. Ele não te vai fazer mal. — John encostou a face ao pescoço do cavalo.

Isolte tinha a boca seca. Pousou uma mão no cavalo e sentiu a pulsação no interior do seu flanco vivo, o bater do seu coração. Apoiou um pé na palma da mão de Michael, os dedos dele a roçar-lhe o tornozelo. Ele impulsionou-a e ela conseguiu agarrar-se à crina áspera com ambas as mãos. Deslizou uma perna sobre o lombo e conseguiu montar. Michael anuiu-lhe com a cabeça em sinal de aprovação e ela sentiu um calor súbito nas faces; levantou o queixo para o esconder. Viola subiu para trás dela. Encostou-se bem às costas de Isolte e colocou as mãos em torno da sua cintura.

Um de cada lado, John e Michael acompanharam o cavalo, cada um com uma mão no cinto. Ele parecia satisfeito por ir com eles e dava passadas longas e tranquilas. Viola e Isolte balançavam em conjunto, ao ritmo da marcha do cavalo. A voz de Viola, entoando uma antiga canção infantil, estava abafada contra o ombro de Isolte.

Isolte não tinha medo. Queria gravar o momento: o cheiro do cavalo e o seu calor na sua pele; o peso da respiração de Viola; o caminhar arrastado dos rapazes; a batida cadenciada dos cascos. Estava tudo ligado. Nada mais importava. Ela queria viajar assim para sempre. Mas à medida que vivia aquele belo momento, estava a perdê-lo.

Saíram da floresta e chegaram a campos abertos, com vegetação rasteira e ovelhas a pastar. No asfalto, os cascos desferrados do cavalo quase não produziam som. Havia gaivotas a sobrevoá-los e um gosto salgado na boca dela. Da sua posição elevada, Isolte conseguia ver para lá do molhe, ver os topos brancos das ondas rebentando contra os rochedos. Um carro solitário aproximou-se por trás, um *Cortina* azul, e mudou de velocidade com uma arranhadela metálica. Ultrapassou-os com uma boa distância, acelerou e afastou-se rapidamente. O cavalo mexeu uma orelha e continuou a sua marcha.

Como estavam a faltar à escola, não se atreveram a ir para a quinta

para não correrem o risco de terem de dar explicações aos adultos. Pararam no primeiro campo com *Punches*. Viola e Isolte deslizaram do lombo dele, caindo abruptamente no chão. Os rapazes fecharam o portão atrás do cavalo e correram o ferrolho. Os outros cavalos viraram-se para ele e relinchar. Ele avançou preguiçosamente até à erva alta, como se estivesse a entrar no mar, arrastando a cauda sobre frondes claras.

Isolte conseguia sentir o cheiro do cavalo nas mãos. Suor e sujidade tinham-se enranhado na sua pele, onde lhe havia acariciado o pelo. Ela esfregou-os e eliminou-os em pequenas bolas pretas, como se fosse borraça a desintegrar-se por entre os dedos.

*

— O artigo já está pronto?

Isolte assusta-se. Sam está a olhar para si, olhos semicerrados, um cigarro aceso entre os dedos.

— Quase — mente Isolte. — Depois deixo-o na tua secretária.

— A propósito, — diz Sam, como quem não quer a coisa, envolta numa nuvem de fumo do próprio cigarro, — alguém comentou que a tua irmã é anorética. Sabes que estamos a fazer um artigo de fundo acerca do assunto. Posso dizer à nossa articulista para entrar em contacto contigo? Ela pode querer algumas referências.

Isolte para de respirar. O fumo enche-lhe os pulmões. Ela tem a sensação de estar a sufocar. Ela quer dizer «Sabes o que acabaste de me pedir? Tens noção de que a minha irmã se está a matar?» Esfrega o nariz.

Na mesa de arte, Isolte vê Jason, o diretor artístico, a examinar a sessão fotográfica que ela e Ben fizeram no outro dia. Vestidos deslizam e pairam em cores vívidas. A rapariga loura vira-se e dobra-se, toda ângulos e ossos de encontro ao cenário de papel.

— Está bem — diz Isolte. — Acho que sim.

A fotografia do cavalo está pousada em cima do seu artigo. Ela pega-lhe e afixa-a no quadro de cortiça, senta-se e enfia mais um pedaço de papel na máquina de escrever. Escreve três frases e para, fitando o vazio. Não pode aceder ao pedido. Não vai falar com a articulista. Devia ter dito isso.

Isolte sabe qual será o aspeto do artigo sobre anorexia. Haverá fotografias de raparigas reais: imagens chocantes a preto e branco, com palavras a vermelho vivo no topo. Haverá costelas e ossos ilíacos protuberantes, e rostos ossudos a sorrirem forçadamente para a máquina.

...

Há anos as pessoas leram sobre Isolte, Viola e Rose em artigos de jornais. A sua história foi discutida ao pequeno-almoço; culpas foram divididas, partidos tomados. Isolte indaga-se quantas pessoas comeram o seu peixe com batatas fritas de dentro da sua história, ou poliram os sapatos no verso desta.

A história correu semanas. Inicialmente saíra em todas as primeiras páginas, mas perdera gradualmente o interesse e passara mais para trás. Tinha também passado no noticiário da noite; mas os canais televisivos de pressa a haviam largado para passarem aos crimes e desastres recentes. Já havia sido completamente esquecida quando surgira a notícia de que havia sobreviventes do desastre aéreo chileno e os seus rostos exaustos e emaciados enchiam as primeiras páginas.

Rose passava os dias a dormir, como uma pessoa doente, boca escancarada. Ao lado da cama, uma garrafa vazia e uma embalagem de comprimidos para dormir. Isolte tinha começado a contá-los e a esconder as embalagens extra. Viola estava apática, lábios contraídos, olhos fitando o vazio. Já tinha começado a empurrar a comida no prato e a comer pouco. Mas Isolte continuava a levantar-se de manhã cedo, a respirar fundo, a cozinhar refeições, a comer refeições, a dar comida à gata. Continuava a ter ambições e planos. Não tinha querido procurar a alienação no fundo de uma garrafa, nem deixar de viver. Isso fazia de si uma má pessoa? Fazia de si uma pessoa sem coração?

Ela arranca a folha da máquina de escrever com um ruído áspero satisfatório, amarrota-a numa bola e atira-a para o cesto de papéis. Esta falha o alvo e rebola para cima dos quadrados de carpete verde.

— Eh. — Jason dobra-se e apanha-a. — Não vais conseguir entrar na equipa olímpica.

Isolte inclina a cabeça e faz um sorriso forçado. — Pois não.

— Acabei de dar uma olhadela nas fotografias. — Jason mantém-se perto da mesa dela. — Estão boas.

Ele inclina a cabeça na direção de Sam. — Não lhe liguês. Ela está só a tentar marcar a sua posição.

Isolte faz uma careta. — Não sei porquê, mas tenho a sensação de que ela não gosta de mim.

Depois de enfiar mais uma folha de papel, telefona para o número que Ben lhe deixou para emergências. Quer apenas ouvir a sua voz durante uns instantes. Vai acalmá-la. Pensa como ele foi na noite anterior. Ela tinha acordado do pesadelo nos braços dele, água salgada ainda na sua boca, a mãe escapando-se-lhe por entre os dedos. O sonho tinha feito crescer a dor

dentro dela, arrastado sentimentos indesejados para a superfície como coisas podres libertas numa inundação. Ela nunca falara da mãe a ninguém. Tinha sido uma sensação extraordinária proferir as palavras em voz alta. Ela quer outra vez essa sensação de proximidade, de confiança. Precisa dela naquele momento.

O telefone toca. Lembra-se de que ele está a fazer uma campanha publicitária no exterior. Está fora da cidade, numa casa faustosa qualquer. Outra pessoa atende e segue-se uma longa pausa enquanto Isolte ouve um ruído crepitante, antes de a voz de Ben surgir em linha. Ela ouve barulho de fundo. Não é uma boa altura.

— O que foi, Issy? Desculpa. — Um som abafado, como se ele tivesse deixado cair alguma coisa. — Não apanhaste isso? O que querias?

Uma rapariga está a fazer uma pergunta. Isolte não consegue discernir as palavras, apenas o tom de voz. Ele deve ter desviado a boca do bocal, ou então tapou-o com a mão. Ela mal consegue ouvir a resposta dele. E então ele volta, ofegante. — Olha, se não for importante, tenho de ir, ok? Não quero irritar o cliente.

Ela desliga o telefone. Baixa a cabeça sobre as mãos. Ela não sabe o que queria pedir ou dizer-lhe. Era apenas uma sensação de necessidade. Mesmo que tivesse conseguido traduzi-la por palavras, ele não teria podido ouvi-la. Não quando está a trabalhar. Mas o pesadelo dela avivou memórias do passado e o rosto esquelético de Viola paira sobre a folha de papel, fazendo os dedos de Isolte deslizarem sobre as teclas da máquina de escrever, pensamentos sobre cores de tecidos dissolvendo-se no momento em que ela ouve o som, de há muito tempo, da água da chuva a pingar para dentro de um balde.

*

A água goteja do teto do quarto delas. Infiltra-se em redor da fixação do candeeiro, espalha-se como uma sombra e pinga para dentro de uma bacia que Isolte colocou por baixo. Cheira a musgo e a madeira molhada.

Está a chover há dias. Tempestades repentinas salpicam ruidosamente as janelas. O caminho estreito diante do jardim corre como um rio, seixos são carregados pela enchente e a terra está mais escura e empapada. Há poças por todo o lado. Ninguém vem.

A mãe delas está na cama com o rosto virado para a parede.

Isolte abriu uma lata de feijão cozido, rapa-a para dentro de uma tigela e enfia uma colher na papa fria. Cortou o dedo no bordo da lata. Chupa o golpe latejante e lambe o sangue.

— Mamã? — Isolte hesita e estende a tigela. — Toma. Para ti.

O monte de cobertas não se mexe. O cabelo de Rose, espalhado sobre a almofada, está escorrido e emaranhado. Nalguns dias ela senta-se com um olhar esgazeado, abre os braços para elas, dizendo: «Venham dar-me um abraço», e aperta-as com força. «Minhas queridas.» A sensação é diferente dos seus maravilhosos abraços afetuosos; é como se estivesse a estrangulá-las. Dá-lhes pancadinhas na cara com dedos trémulos, dizendo-lhes vezes sem conta: «Eu sei que não fizeram de propósito. Sei que não.» Noutros dias, como aquele, ela olha através delas como se lá não estivessem.

As meninas tinham-se esquecido das cabras. Pobres *Tess e Bathsheba*. Isolte está horrorizada com o seu lapso de memória; mas é tão difícil pensar em tudo. Preocupa-se com a hipótese de as cabras estarem a morrer de fome, amarradas ao mesmo pedaço de terra esgotada. Corre ao seu encontro, pão dentro do bolso, chamando-as. Mas elas desapareceram. Podem ter conseguido deslizar das coleiras, pensa; mas não há coleiras, nem cordas na erva encharcada. Apenas os espigões metálicos cravados no solo molhado, com sinal de terem sido puxados, e pilhas de excrementos.

Quando deambula por entre as árvores, chamando por elas, ouve o ruge-ruge de coelhos correndo sob os fetos e um bater de asas. Nenhuma cabra a balir surge do meio das sombras. E, de repente, ela percebe que a própria floresta está a observá-la; que algo malévolamente está à espera. A escuridão desloca-se, desenrola-se e estende longos braços na sua direção. Assustada, ela vira-se e corre de volta a casa, coração ribombante, escorregando e deslizando, silvas prendendo-lhe a roupa. Ela abrandando o passo quando entra no quintal e tenta acalmar a respiração laboriosa. Não quer assustar Viola. Já é suficientemente mau ter de lhe dizer o que se passou com as cabras.

— Se calhar, foi um caçador furtivo que as roubou. — O lábio inferior de Viola treme.

Nenhuma das duas quer dizer as palavras *Black Shuck*.

A mulher na cama em frente está a cantarolar ruidosamente. Os dedos manipulam as agulhas de plástico que tem nas mãos. Continua a tricotar aquela coisa púrpura. É um monstro de pontos caídos: uma corpulenta cobra de lã, sem forma e sem graça. Desvio rapidamente o olhar quando ela levanta os olhos.

Se me deixar ficar com os olhos semicerrados como um crocodilo, vejo-a a sussurrar e a gesticular para as sombras junto à cama dela. Tem longas conversas com amigos imaginários. Pelo menos hoje tem as pernas magricelas debaixo das cobertas, os pelos púbicos grisalhos escondidos, as pregas escuras e flácidas dos lábios tapadas. Foi restaurada alguma dignidade.

Deixo a cabeça cair para trás sobre a almofada. A expectativa da letargia é boa. Porque há sempre a hipótese de o John aparecer novamente, de estar à minha espera na orla da floresta, na sua bicicleta, a sorrir para mim, com o sol no cabelo e a pele a cheirar a musgo. Estou prestes a perder o presente. As luzes acima das minhas pálpebras fechadas turvam e tremelicam.

*

Íamos a meio da subida do carreiro arenoso em direção a nossa casa quando vimos o estranho, careca e de ombros imponentes, a descer o caminho de entrada. Entrou numa carrinha branca estacionada à beira do caminho e passou por nós lentamente, evitando os buracos. Olhámos fixamente para

dentro do veículo através da janela. A cara dele parecia uma batata, com lábios finos contraídos. Ele não olhou para nós.

Corremos o resto do caminho; peúgas pelos tornozelos, as malas da escola pulando sobre as costas. Um olhar de relance assegurou-nos que a *Tess* e a *Bathsheba* estavam amarradas com segurança no topo do quintal; tinham as cabeças baixas e pastavam na erva alta.

Virámo-nos para o barracão onde estava o cabrito. Era nosso hábito visitá-lo assim que chegávamos da escola e deixá-lo chuchar-nos os dedos. Ele gostava quando lhe coçávamos as orelhas e lhe dávamos beijos. A Abby estava à porta da cozinha a limpar as mãos a um pano da louça.

— Eh, meninas! — gritou ela. Quando nos virámos, ela acrescentou suave e sedutoramente: — Venham cá, entrem. Fiz-vos um bolo. — Estava encostada à ombreira da porta, a sorrir e a acenar-nos. A sua trança estava enrolada sobre o ombro como uma cobra. Ela fazia-me lembrar o *Child Catcher*, do *Chitty Chitty Bang Bang*.

A Issy chegou primeiro ao puxador da porta do barracão. Girou-o e empurrou. Sustivemos a respiração com o espanto: a nossa mãe estava lá dentro. Estava com um ar pálido. Estendeu um braço, barrando-nos a passagem, e sorriu debilmente. — Não podem entrar — disse ela. — Tenho uma coisa para vos dizer.

A Issy soltou um pequeno gemido, como se tivesse visto algo terrível. Eu também tentei ver, mas a mamã mandou-nos embora, obrigando-nos a ir à sua frente até à cozinha onde a Abby estava à espera com o bolo. A Abby pegou numa faca e enfiou-a no pão de ló, cortando-o em fatias. — Que tal um copo de leite para acompanhar? — perguntou. A mamã estava de costas para nós a mexer na rolha de uma garrafa de vinho. Serviu-se de um copo e bebeu um grande gole.

— Ele não sofreu — disse ela, virando-se para nós. — O Sr. Gibb é carniceiro. Ele sabe o que faz. E eu estava lá. Não o deixei...

— Não! — gritou Issy. — Assassina! — Levantou os braços como se quisesse bater na mamã, mas mergulhou a cara nas mãos. — Odeio-te — sussurrou furiosamente. — Odeio-te. Odeio-te. E nunca te vou perdoar.

A Issy virou-se para mim, olhos brilhantes com lágrimas e fúria, chamando-me em silêncio, estendendo-me a mão. Eu não conseguia mexer-me. Abanei a cabeça e olhei para o chão. Pensei nos meus dedos na boca cor-de-rosa dele, na aspereza da sua língua.

— Olhem, — disse a mamã com voz trémula, — eu tentei explicar. Mas vocês não quiseram ouvir. — Estendeu-me a mão. — Viola, sabes que somos autossuficientes, não sabes? Tu entendes?

Eu continuava a olhar fixamente para o chão. Entorpecida.

— Oh, por amor de Deus! — disse ela, saturada. — Isto não é nenhuma piada. Não andamos aqui a brincar, sabem?

A Abby mexeu-se no canto da cozinha, observando-nos, o pano de louça ainda preso nas mãos. Fatias de bolo intactas no prato. Ela mordeu o lábio, talvez angustiada por não saber quem devia estar a abraçar ou a confortar. Esparramado no sofá, o Luke parecia despreocupado com o drama. — Pois, — disse ele languidamente, — é uma dura lição, — contraiu os dedos dos pés com empenho, — mas é o ciclo natural das coisas. E a natureza é cruel, pá. A vida é cruel.

Olhámos fixamente para ele. — Não gostamos de ti — disse Issy.

A Abby emitiu um gemido de aflição e pôs as mãos sobre a boca, deixando cair o pano axadrezado no chão.

Não chegámos a comer o bolo dela, apesar de ser pão de ló de chocolate.

No barracão, encontrámos salpicos escuros no chão de betão. No canto estava um balde com os pés e as orelhas dele. Os cascos estavam pálidos como as unhas de um bebé. As orelhas, pequeninas e perfeitas, tinham pelinho branco suave. O sangue estava seco e formava crostas castanhas em torno das bordas cortadas.

A mamã cozinhou-o no dia seguinte. Deveria ser o jantar de despedida da Abby e do Luke antes do seu regresso a Gales. A questão é que ela nos tinha alertado. Ao recuar na memória para quando havíamos discutido nomes para o cabrito — *Branco-de-Neve*, tínhamos nós sugerido, ou *Sombra-de-Prata* —, lembrei-me da mamã a abanar a cabeça e a dizer-nos: «Chamem-lhe Almoço-de-Domingo.» Não nos passou pela cabeça que ela estivesse a falar a sério. Mas o Michael tinha tido razão desde o início.

Não chorámos. Era demasiado horrível para chorar. Fomos tomadas por uma enorme tristeza. Uma espécie de desespero lúgubre. Os narcisos amarelos já tinham desabrochado, a cor tinha regressado em amarelos e verdes luminosos. Mas por detrás da encantadora superfície estava algo sombrio e mau. Sentimo-nos feridas por isso. Envoltas em casacos e cache-cóis, saímos do quintal, percorremos o carreiro e deitámo-nos sobre os fetos altos na periferia das árvores. Não tínhamos energia para ir mais longe; mas não conseguíamos ficar em casa. Debaixo de nós, insetos moviam-se, seguindo trilhos invisíveis, carregando pedaços de folha e casca de árvores.

Esticando a cabeça acima dos fetos, consegui ver que as janelas da cozinha estavam embaciadas por causa do cozinhado. A mamã estava a fazer guisado com o cabrito, alperces e amêndoas, os seus cabelos apanhados num nó desalinhado. Imaginei fios soltos colados ao seu pescoço e o rubor das suas faces enquanto cortava os alimentos e mexia. Um aroma adocicado a carne chegou-nos vindo de casa. Estávamos com frio e com fome,

deitadas no nosso esconderijo. O Luke estava a tocar guitarra e alguém tinha acendido velas, por isso luzes douradas bruxuleavam contra as janelas. Nós tremíamos dentro dos casacos, os nossos estômagos roncavam. Não tínhamos comido nada o dia todo. Atrás de nós, a floresta reunia sombras azuis, prendendo a noite dentro de ramos e de troncos. Aproximámo-nos mais uma da outra. O solo estava molhado. Senti a humidade infiltrar-se na minha roupa.

— Pelo menos não foi o *Black Shuck* que o apanhou — disse eu, pressionando uma mão sobre a barriga para atenuar a fome.

— Mas se tivesse apanhado, — respondeu Issy, — a mamã não seria uma assassina.

Agora que pensávamos no *Black Shuck*, sentimos o movimento de patas sobre as agulhas dos pinheiros caídas. O arquejo suave da sua respiração. Eu imaginava-o um cruzamento entre um pastor-alemão e uma pantera. Pernas esguias, músculos movendo-se debaixo de uma pelagem negra. Os olhos deviam ser como enxofre, um amarelo-ácido sibilante. Olhos fantasmagóricos.

A noite abateu-se sobre nós, fria e pegajosa na nossa pele. Os contornos das coisas esbatiam-se e ondulavam. Árvores, céu e erva assumiram um brilho leitoso e perderam a sua definição. Até a Issy, a poucos centímetros da minha cara, começou a ficar desfocada. O vazio clamava por nós. Tive a sensação de que o mundo tinha acabado, ficado frouxo e desvanecido. Imaginei que as árvores amistosas tinham levantado as suas raízes da terra e deslizado através do paul, arrastando os seus ramos, com os fetos sussurrando em baixo. Ouvi o sussurro de animais selvagens em fuga. Eu sabia que a Isolte também estava ciente disto: da falta de tudo. Ficámos em silêncio. Senti a minha irmã pegar-me na mão e agarrei-me ao calor da sua pele, à forma que os ossos assumiam debaixo da sua carne. Dedos que eu conhecia tão bem como os meus. A existência dela transmitia-me conforto. Franzi os olhos e vi as formas de troncos, o contorno da folhagem dos fetos, a silhueta da Isolte. O mundo a regressar para nós.

A mamã saiu para a noite, chamando-nos aos berros enquanto avançava aos tropeções pelo quintal. Estava bêbeda. — Meninas, venham para dentro! Já chega! Venham para dentro! — A Abby e o Luke juntaram-se a ela. — Isolte! Viola! — Os nossos nomes ecoavam pela floresta, erguiam-se em direção ao céu. Ouvimo-los ficarem presos nos galhos finos e caírem sobre o húmus do solo da floresta, abafados e mortos como pássaros abatidos a tiro.

— Olhem, por amor de Deus... estou farta! — A voz da mamã tinha-se transformado num fraco lamento. — Acham que eu gostei de comer o pobre animal? Mas tinha de ser.

Ouvimos a Abby, tranquilizadora e maternal. — Ok, Rose, querida, deixa-as estar. Nunca conseguiremos encontrá-las. Podem estar em qualquer lugar. Elas vão voltar quando estiverem preparadas.

Levantadas no meio dos fetos, revestidas de escuridão, olhámos para a figura encolhida da nossa mãe a ser conduzida pela Abby para dentro de casa. As formas das mulheres, acompanhadas por sombras, pareciam um animal monstruoso. Ouvi os protestos irritados e indistintos da nossa mãe. Atrás de nós, a floresta oprimia-nos.

Engoli em seco. — Vem — disse eu em voz baixa.

A Issy abanou a cabeça. — Eu não vou entrar. — Sentou-se outra vez. — Ela matou-o. Ela comeu-o.

— Por favor — implorei eu. As janelas iluminadas da cozinha pulsavam com a segurança normal do mundo humano. Eu olhei ansiosamente, sentindo o impulso irresistível de atravessar a correr a erva húmida em direção a eles. — Por favor, Issy.

A cara dela tinha retrocedido para um borrão azulado que pairava na escuridão. Por um horrível instante, indaguei-me se a coisa anónima seria ela. Talvez fosse um fantasma. Talvez a Issy — a verdadeira Issy — tivesse sido levada pelo *Black Shuck*. Ele podia tê-la puxado pelas pernas e ter-se afastado a galope, arrastando-a atrás. Então ela falou. — Vai lá — disse ela. — Vai lá, então, vai correr para junto da mamã. Sê uma traidora.

A marca indiscutível da Issy naquelas palavras encheu-me de alívio. Atrás disso, outros sentimentos emaranhavam-se: ira devido ao egoísmo da Issy, tristeza por causa da nossa mãe. Abri a boca para discutir, mas as palavras morreram na minha língua. A Issy estava certa. Mesmo que estivesse errada, não importava. Suspirei pesadamente e virei costas à casa. Cerrei os dedos frios, enfiei-os nos bolsos e afundei-me no chão. Sentei-me de joelhos erguidos, apoiando a testa e tornando-me pequena. Ela instalou-se mais perto de mim. Não conversámos. Alguns minutos depois, deixei-me descontraír contra a curva do ombro dela, um laivo de calor despertando na junção dos nossos corpos.

Isolte conheceu Ben num jantar festivo em Notting Hill. Uma amiga em comum, Alice, sentou-os juntos. Tinha havido luz de velas, muito álcool e cocaína. Sade no gira-discos. Os dez convidados faziam jogos entre os pratos. O jogo de adivinhação de nomes pô-los todos a rabiscar nomes de personagens históricas e ficcionais, ou de celebridades, em pedacinhos de papel, a dobrá-los e a colocá-los dentro de um chapéu. O jogo consistia em tirar um nome do chapéu e colá-lo à testa. A pessoa tinha de fazer perguntas aos outros para conseguir adivinhar quem era, no mínimo tempo possível.

— Estou morto? — perguntou o homem sentado à direita de Isolte. Isolte olhou para o nome colado à testa dele. Dizia «Deus».

— Não propriamente — disse ela.

— As respostas têm de ser sim ou não! — gritou Alice.

— Sou mulher? — perguntou Isolte aos restantes. O pedaço de papel branco preso com fita-cola à sua testa fazia-lhe cócegas nas sobrancelhas.

— Sem dúvida — disse-lhe Ben em tom sério.

O jogo terminou numa discussão sobre se «Deus» poderia ser incluído como personagem. — Ora, — argumentou Alice, — ele é ficcional, não é?

Isolte não tinha conseguido adivinhar que era a Lady de Shalott. Ben tinha precisado apenas de cinco tentativas para adivinhar que era Barry White.

— Já tinhas jogado a isto — acusou-o ela.

Ele anuiu com a cabeça. — E não digas a ninguém, — aproximou-se

mais dela, — mas também já tinha sido o Barry White. Tu, por outro lado, ficaste com uma difícil. Vou contar-te mais um segredo. A Lady of Shalott foi a minha contribuição. — Ela fitou-o, distraída com a ligeira abertura dos lábios dele, com o brilho sadio da sua pele. — Estava com esperança que o escolheses — estava ele a dizer. — Fazes-me lembrar aquele quadro... sabes do que estou a falar...

— O do Waterhouse?

Ele anuiu com a cabeça. Tinha tirado um fio do cabelo dela e tinha-o enrolado no dedo.

— Mas eu não sou ruiva e gosto de olhar pelas janelas — protestou ela, vendo o seu cabelo desenhar riscas douradas sobre a pele dele. — E não acredito em cavaleiros andantes.

— Isso são pormenores. — Ele tinha ignorado os protestos e segurado no cabelo dela com descontraída possessão, e ela viu-se de repente com o rosto quase a tocar no dele.

— E tu serias o Lancelote, calculo?

Ele sorriu. — Foste tu que disseste.

Monopolizaram-se depois disso, ignorando os outros convidados, para grande irritação de Alice. Começaram a dizer um ao outro o que consideravam ser essencial num amante.

— Ousadia. Sensualidade — disse Ben. — Sentido de humor.

— Bondade. Honestidade — disse Isolte. — Fidelidade. Sem dúvida, fidelidade.

Ben tirou as folhas à sua alcachofra e colocou o âmago suculento na boca; tinha-o feito de modo seguro, sexy sem ser óbvio. Alguns alimentos — figos, ostras, alcachofras — podiam ser comidos de forma errada. Algo que devia ser sensual e natural podia tornar-se óbvio e vulgar, ou pior: simplesmente desajeitado e atabalhado.

— Então não acreditas no princípio de que aquilo que não sabes não te pode fazer mal? — Sorriu para ela, difícil de interpretar.

Ela tinha abanado a cabeça. — Não, claro que não! A traição é o início do fim, quer a outra pessoa saiba, ou não.

— Eu não te seria infiel — disse ele, lambendo lentamente o dedo. — Não iria precisar sê-lo.

Enquanto esperavam por outro prato, inebriada pela expectativa, ela tinha estado a empilhar pratos na cozinha quando Alice lhe aparecera por cima do ombro. — Tem cuidado — dissera-lhe, pegando num recipiente com natas que estava em cima da mesa. — Ele vai para a cama com as modelos todas, como é óbvio. Os fotógrafos são uns cretinos.

Isolte foi para casa com ele. Queria dormir com ele e sentir o seu hálito a alcachofra.

Ela já se perguntou diversas vezes, desde que começaram a sair juntos, se Ben tem cumprido a palavra, ou se Alice estaria a dizer a verdade.

Nos finais dos anos sessenta, início dos setenta, tinha sido considerado normal partilhar parceiros dentro da comunidade. Os desaprovadores moradores locais desconfiavam disso. Os aldeões galeses viam a comunidade como um antro de depravação: um lugar de troca de camas e de sexo livre. Havia reuniões frequentes na capela metodista para discutir o que podia ser feito para resolver o assunto. E havia verdade nos rumores. Algumas crianças que aí nasciam não faziam ideia de quem fosse o pai biológico. De acordo com as regras da comunidade, isso não interessava. Eram todos uma grande família. Era esse um dos motivos por que Rose havia saído; o que havia começado como uma forma de simplificar a vida, outro tipo de partilha, tinha acabado por tornar tudo mais complicado. Mas os hábitos da comunidade deviam ter perdurado, porque Isolte lembra-se de que na noite em que haviam ficado até tarde na floresta, em protesto por causa do cabrito, tinham tropeçado nas sandálias de Luke quando subiam silenciosamente para o quarto. As sandálias tinham sido deixadas à porta de Rose.

Vozes exaltadas acordaram-nas na manhã seguinte. Correram até à janela e olharam para baixo para verem Luke coxear até ao pedregoso caminho de entrada da casa. Os cabelos caíam-lhe para a frente do rosto enquanto se encaminhava para a caravana. Havia algo nos seus membros compridos e deselegantes que fazia Isolte lembrar-se de uma marioneta partida. Engraçado, mas tinha sido dele que ela sentira pena, e não da desganhada e chorosa Abby, que esperava por ele de mãos nas ancas ao lado da caravana. Abby empurrou-o e apontou para a casa com um dedo espetado. As raparigas agacharam-se, escondendo-se abaixo do parapeito da janela. Depois de as portas serem fechadas com violência e o motor ganhar vida, a caravana pôs-se em marcha. Elas mantiveram-se agachadas no chão enquanto a ouviam afastar-se, caixa de velocidades a arranhar, ressaltando sobre os sulcos.

Rose ficou na cama naquela manhã com as cobertas sobre o rosto. — Bem, acho que já queimei a tal ponte — dissera ela quando aparecera. Elas tinham sorrido, sem compreender. Isolte e Viola estavam contentes por terem acabado os visitantes galeses. Muito mais tarde, Isolte encontrou a lata de tabaco de Luke debaixo da cama da mãe quando brincava às escondidas. Estava no meio do pó atrás do bacio. Ela abriu a tampa e tocou nos fios de tabaco araneiformes, puxou-os e cheirou-os com o lábio enrolado, antes de os enfiar cuidadosamente na fenda entre a tapete e as tábuas do soalho.

...

Isolte duvida que os pais de Ben, Anita e George Hadley, alguma vez tenham estado envolvidos em troca de camas. No caso deles não tinha havido comunidades, nem tardes de pés descalços perdidas para a droga, nem Janis Joplin, nem sexo de ocasião nos campos de Kent. A mãe de Ben, Anita, é bem constituída e atraente. Veste roupa prática e elegante que compra três vezes por ano na Harvey Nichols. George usa um fato às riscas e apanha o comboio para a cidade todas as manhãs com o *Financial Times* enfiado debaixo do braço. São os representantes mais ardentes do que a mãe dela teria chamado de poder instalado. Ela até já os ouviu a falar do socialismo como um «cancro invasor». É estranho estar na companhia deles, especialmente se ela se permite vê-los através dos olhos de Rose: nesse caso, é como estar no campo do inimigo envergando apenas um parco disfarce. Uma sensação de incredulidade e de aversiva fascinação apodera-se dela.

Na presença dos pais de Ben, Isolte sente-se fraca e incompleta. Ela sabe que está à beira de ser exposta como fraude. A árvore genealógica de Ben está pendurada na parede da sala de jantar, emoldurada e gravada a dourado e vermelho. Aquela é uma família que é capaz de traçar as suas origens até ao século dezasseis. Quem é que ela tem? Hettie, que teria de ser trazida da Irlanda, pelos de cão removidos antes para ficar apresentável. E Viola.

Para a mãe tinha sido muito fácil falar de liberdade e explicar que deviam dar início às suas próprias dinastias, mas ela não se tinha apercebido do quão inconveniente seria não ter um pai para apresentar em ocasiões sociais. Não ter pai transforma-a numa fonte de especulação entre pessoas como os pais de Ben. Também significa que está em falta uma porção de potencial família. Mas ela não quer pensar nisso, como tudo poderia ter sido tão diferente.

Junho de 1987 e os Hadley estão a dar um cocktail para comemorarem a reeleição de Thatcher. — É mesmo disto que este país precisa — diz George a um grupo concordante de amigos. — Ela vai reerguer isto, enfrentar os sindicatos, ensinar a todas aquelas sanguessugas da previdência social que os outros não têm obrigação de as sustentar.

De copo com sumo de laranja na mão, saltos altos afundando-se no tapete felpudo, Isolte recorda-se de quando Thatcher banii o leite escolar. Foi o último ano delas na comunidade e um grupo grande tinha ido manifestar-se em frente dos portões da escola primária da aldeia, gritando: «Maggie Thatcher, ladra de leite.» Tinha sido a primeira vez que os habi-

tantes da aldeia e os hippies tinham estado de acordo nalguma coisa. *Mal-dita Secretária da Educação, quem ela pensa que é? Tirar o leite da boca das nossas crianças!* Rose dera o braço a uma mulher magra de rosto chupado e meias cor de pele. «Ela falou comigo», gabara-se Rose depois. «Não consegui perceber tudo o que ela disse, claro. Mas foi a intenção que contou. A solidariedade de mães e trabalhadoras.»

Isolte é sempre cuidadosa a responder a perguntas esquadrihadoras, principalmente as que lhe são feitas em eventos dos Hadley. Ela é boa a mudar de assunto. Ou a mentir. Por isso, quando Anita se vira para ela e pergunta abruptamente: — E o que faz o teu pai, Isolte? Acho que nunca nos disseste —, não existe qualquer hesitação.

— Os meus pais morreram num acidente de viação. — Isolte olha para Anita, procurando o ligeiro rubor de embaraço nas suas faces, o deglutir nervoso.

Esta é uma resposta que encerra qualquer discussão. Ben levanta as sobrancelhas mas não diz nada e enfia uma colherada de pudim na boca.

Mais tarde, no carro, a caminho de casa, ele diz: — Eu sei que não queres ter de explicar às pessoas o que aconteceu realmente à tua mãe. É algo pessoal. Mas, para que conste, para mim não faz qualquer diferença o que dizes aos meus pais. Eu não preciso da aprovação deles para saber o que sinto por ti. — Vira-se e olha de relance para ela por cima dos seus *Ray-Ban*. — Sabes, não devias ter vergonha do teu passado. O facto de seres ilegítima... essas tretas. Já não interessa. Foste um filho natural. E então? Não é nada de mais.

— Olha quem fala! — retorque Isolte. — És muito bom a esconder o sotaque dos arredores de Londres quando te dá jeito, não és?

— Isso é diferente. — Ele encolhe os ombros, mudando de velocidade quando se aproximam de um cruzamento. — O meu sotaque é bom para o negócio. Aquelas editoras de moda afetadas adoram uma certa rudeza.

— Certo. — Isolte olha pela janela do carro e vê ruas toscas de tijolo encarnado e rotundas sujas substituírem as colinas de Kent. — E olha para a estrada, idiota. Não para mim — acrescenta ela sem convicção. Porque, na sua cabeça, ouve a voz de Alice perguntando em alto e bom som: «E por que mais o adoram aquelas editoras? Que mais faz ele para lhes agradar?» *Ele estava a brincar, quer ela dizer à voz. Ele está a ser irónico. Eu conheço-o bem.* Mas ela sente-se oca por dentro e há algo que resvala e a voz de Alice não se cala.

Isolte afunda-se mais no seu banco, tentando não ouvir, sabendo que é na perda de confiança que o amor tropeça e vacila: o início do fim.

— És uma daquelas miúdas, não és?

Peter está estendido transversalmente na cama, a amarrotar a colcha antiga de seda que ela encontrou no Mercado de Portobello no fim de semana anterior. Isolte sente uma ponta de irritação. Já está arrependida do impulso que teve há duas semanas em convidá-lo para tomar café. Ele era um daqueles tipos finos da publicidade, com as pernas das calças vincadas e o ubíquo carro veloz. Pensou que a coisa durasse meia dúzia de encontros, no máximo; mas ele liga-lhe todos os dias e insiste em fazer perguntas, em tentar adivinhar a personalidade dela, em tentar perceber como ela funciona. Toda aquela intimidade forçada causa-lhe arrepios; naquele preciso momento, tudo o que ela quer é desfrutar sozinha do luxo do novo apartamento.

— O que queres dizer com isso? — Ela encosta-se à ombreira da porta, sem vontade de voltar para a cama para junto dele. Ela gostava que ele se fosse embora.

— Tu sabes, do tipo enigmático. — Ele sorri pretensiosamente, satisfeito com a análise. Ela olha fixamente para o peito dele, que é estranhamente liso, sem pelos. — Gostas de os ter aos teus pés, à tua volta. Mas não deixas ninguém entrar, pois não?

Ela engole em seco e desvia o olhar. *É preciso mais do que uma onda de perguntas curiosas para se conquistar a confiança*, pensa ela. Mas não o diz, porque as palavras dele fizeram o sangue latejar-lhe nas veias e ela tem receio do que a sua voz poderá denunciar.

Isolte fica em silêncio por uns instantes. — É um bocadinho tarde de mais para uma sessão de terapia. — O seu tom de voz é calmo e frio e ela ajeita a camisa de noite sobre os ombros. — Na verdade, por falar em tarde, tenho trabalho para fazer. Um artigo para amanhã. — Olha propositadamente para a máquina de escrever que está em cima de uma pequena escrivaninha diante da janela.

— Certo. — Ele levanta-se lentamente e espreguiça-se. — Claro que tens, princesa. Não te vou atrapalhar.

Ela espera atrás da porta de casa, ouvindo os passos de Peter nas escadas. Pressiona as palmas das mãos, com força, contra os olhos, provocando faíscas de verde e vermelho por trás das pálpebras. O vazio inunda-a; ela é dominada por uma sensação de enorme solidão. *Mas é melhor estar só desta maneira*, diz para si mesma, *de uma maneira pura, como estar numa praia ao anoitecer, com gaiotas a gritar por cima, do que a solidão complicada de se estar num relacionamento desonesto*.

Não vai voltar a ver Peter. A única pessoa com quem quer estar agora é Viola. Mas Viola está no seu cubículo ocupado ilegalmente em Brixton, naquele horrível quarto húmido. Isolte só lhe fez uma visita e nessa altura

foi apresentada a um homem alto e magricela que envergava um vestido curto e a um rapaz circunspecto com uma trunfa de cabelo imundo que tinha tentado encetar conversa com ela acerca dos males do capitalismo e da caça.

Isolte pedira a Viola para ir viver consigo assim que o contrato do apartamento luminoso e arejado no terceiro andar estivesse assinado. O seu novo apartamento fica numa casa vitoriana em Battersea, perto do parque, e tem vista para uma praça ajardinada. Como é possível Viola não preferir isso ao cubículo sujo de paredes grafitadas? — Fui promovida a editora de moda. Agora já ganho bem — tinha ela explicado, tentando apagar o orgulho na sua voz. Quando Viola recusara, ela acrescentara rapidamente: — Podes pagar-me uma renda simbólica, se isso te fizer sentir melhor.

Viola abanara a cabeça. O seu cabelo, há anos com um corte desgrenhado, tinha oscilado em frente do seu rosto nalguns pontos. — Eu gosto do cubículo — havia dito teimosamente. — São todos bastante amistosos. Lá sinto-me em casa. Acho que são todos uns inadaptados, como eu.

— Tu não és uma inadaptada. — Isolte mordera o lábio de raiva e frustração. A irmã continuava a fazer o papel de vítima. Era quase como se Viola tivesse gosto em ser um fracasso. Já não eram adolescentes. Tinham vinte e quatro anos. Era nessa altura que uma pessoa devia estar a dar um rumo à vida, a pensar no futuro. E ali estava Viola com o dedo no botão de auto-destruição. A fase punk podia ter passado, mas a anorexia era outro tipo de atitude: uma atitude mortal. Mais magra do que nunca, era desconfortável olhar para ela; assustador até. Desistira da faculdade e estava a sobreviver como modelo de um artista e a trabalhar para uma instituição de caridade para os sem-abrigo. Sempre que Isolte sugeria que regressasse aos estudos, ou pensasse numa carreira a sério, ela fitava-a inexpressivamente como se a sugestão fosse impossível de compreender, quanto mais de seguir.

Todas as noites de quinta-feira, a mamã ia a uma aula de carpintaria na escola técnica local. Começava a correr de um lado para o outro para se preparar para sair enquanto nós comíamos o lanche. Nesta quinta-feira em particular, estávamos a fazer um piquenique em cima de uma manta na sala de estar: ovos cozidos, queijo e torradas com *Marmite* barrada a fugir no topo. Vimo-la inclinar-se para o espelho na parede, espalhar gloss escuro nos lábios e tirar bocados de *Frosted Cherry* de um frasco.

Ela colocou um capacete na cabeça. Este apertava-lhe as faces e alterava-a. Uma mamã diferente olhou para nós através do visor. Já não era a nossa mãe bonita, de tez nórdica e ossos esbeltos. Aquela era uma mulher com bochechas de hamster e olhos maus. Aquela era uma mulher que seria capaz de assassinar um cabritinho e usar a pele seca como tapete no chão do quarto.

— Bem, estou de partida. — Parou à porta, nas suas jardineiras e blusa de gaze azul. — Não façam nenhum disparate enquanto eu estiver fora. E façam os trabalhos de casa.

Porque é que ela se dava ao trabalho de dizer aquilo? Ela nunca verificava se tínhamos feito algum, nem olhava para nada do que fazíamos. Acho que a fazia sentir-se melhor. Era como uma frase de sorte. Um encantamento para que as coisas corresse bem. Eu compreendia. A Isolte e eu tínhamos montes de dizeres secretos; palavras que continham magia. Inventávamos feitiços. A Issy inventava até sons estranhos e dizia que tinham significados verdadeiros. Essas palavras estranhas tinham poderes; podiam

afastar o mal. Nós dizíamos-las em voz alta para satisfazermos o desejo dos nossos corações. A Isolte e eu queríamos ser:

1. invisíveis como o vento
2. capazes de voar
3. rápidas e furtivas como um puma.

Foi esta a lista que elaborámos, sentadas no chão do quarto. Passávamos eternidades a anotar ideias e a riscá-las. Não queríamos ser demasiado gananciosas. Estou a ver-nos agachadas sobre o pedaço de papel, a Issy a chuchar a ponta da caneta e a fazer a nossa lista.

A noite de abril estava a ficar fria, uma ligeira névoa erguia-se da erva. A *Vespa* da mamã desapareceu no carro, transpondo com dificuldade os buracos, acelerando colina acima. Olhei para a minha irmã. O Sol pôr-se-ia por volta das sete e meia. Precisávamos de nos preparar.

A caixa da roupa de festa estava atafalhada de roupa húmida. Os nossos dedos vasculharam as coisas velhas postas de parte pela mamã: saias floridas compridas, coletes de croché e blusas de renda. Despi a minha camisa e a camisola interior. A Isolte encolheu-se ao ver os inchaços, que pareciam ferroadas de abelhas, na minha caixa torácica. Tínhamos um desenvolvimento lento. Tudo o que mais queríamos era um sutiã. As meninas da escola tinham. Quando tínhamos pedido sutiãs à mamã, ela tinha-se rido, colocara as mãos sobre os seios e apertara-os descuidadamente. — Vocês são engraçadas! Não sabem que as mulheres já não precisam de usar essas coisas?

Nós contraímos os lábios, não querendo ferir os sentimentos dela, mas o nosso desejo era que ela usasse um. Os seios dela eram embaraçosos. Ficávamos envergonhadíssimas por os mamilos dela se notarem através das blusas.

Eu enfiei a custo um longo vestido de noite branco. Tinha várias camadas transparentes, o que o tornava macio e esvoaçante. Tinha um rasgão numa das camadas e uma nódoa indecifrável na frente. Inalei o cheiro a mofo. Eu queria que o tecido se movesse. A Isolte não parava de prender o pé na bainha da saia comprida. Tinha colocado um tutu caseiro ao contrário em cima da cabeça, e este ficava espetado como uma coroa feita de rede cor de laranja.

Dirigimo-nos de pés descalços para o perímetro do quintal onde o relvado dava lugar à erva brava e às silvas. Do outro lado, uma parede densa de troncos de pinheiros estendia-se por quilómetros. O final de tarde estava repleto de asas. Morcegos esvoaçantes, quase invisíveis, precipitavam-se sobre as nossas cabeças. As andorinhas estavam de volta, roçando a erva

rasteira, precisas como pilotos de caças. Nós não lhes prestávamos atenção, observávamos o Sol desaparecer por detrás das árvores, sombras estendendo-se como tinta pelo quintal. As tulipas brilhavam na penumbra, os narcisos amarelos escureciam já nos bordos. De encontro a um bosque cerrado de pinheiros, a nossa bétula prateada destacava-se como uma imperiosa figura pálida. Por um momento fui um animal agachado entre as árvores, a espreitar para o quintal. Ouvi o murmúrio da terra girando debaixo dos meus pés, os estratos de passado e do futuro movendo-se lentamente. E vi-nos com a nossa pele humana e membros delgados. Consegui ouvir o batimento fraco dos nossos corações gémeos. Hesitei, não querendo compreender como a floresta nos diminuía.

A Issy deu início à cerimónia: esticou os braços em direção ao céu. Começámos a gemer e a oscilar sobre os calcanhares, balançando as nossas cabeças, deixando os cabelos roçarem o solo e emaranharem-se nos nossos rostos. *Perdoa a mamã*, pedia eu em silêncio. *Protege a Tess e a Bathsheba do Black Shuck*. O tutu esfarrapado soltou-se e o cóis deslizou para cima dos olhos da Issy. Ela arrancou-o com impaciência. Este aterrou sobre a erva como uma borboleta monstruosa. *E dá-nos laranjas para comer*, acrescentei. *Para não apanharmos escorbuto*. A mamã disse que tínhamos de fazer cortes. Primeiro tinha-se acabado o chocolate quente e os biscoitos. Naquele momento não havia laranjas.

A Isolte começou a entoar estranhas palavras guturais. Invocou sons do seu interior. Ela disse que as palavras vinham de outro lado, que não as conseguia controlar. Nós pensámos que pudesse ser uma língua antiga, talvez galesa. Uma vez vimos druidas. Quando vivíamos na comunidade em Gales, a mamã levou-nos a Stonehenge. Entrámos no círculo de pedras. Estava lá um homem com chifres na cabeça. «Honrem o Sol», diziam eles, «há um deus dentro dele.» Lembro-me do grito que davam, o clamor dirigido ao céu, quando o Sol se levantava.

Quando a mamã chegou a casa, estava a sorrir. — Vou fazer uma caixa de correio — disse ela, pousando o capacete em cima da cómoda. — Quando estiver terminada, vou colocá-la no início do caminho de entrada. Vocês, meninas, podem ir todos os dias ver se há cartas. Vai ser divertido, não vai?

Ela parecia ter-se esquecido de que quase nunca recebíamos cartas. E as que recebíamos acabavam no lixo sem serem abertas. Mas acenámos afirmativamente com a cabeça, satisfeitas por sermos incluídas nos seus planos, deixando-nos arrastar pelo entusiasmo dela. Ela tinha batido com um martelo no polegar e o dedo estava a ficar de um tom de ameixa lindo.

Chupou-o alegremente. — Estou cada vez melhor na carpintaria. O Frank diz que vou ser mais do que competente. — Fez uma pausa para efeito dramático. — Amanhã vou ver se consigo arranjar a porta do barracão. O Frank emprestou-me algum equipamento. Olhem. — Abriu o saco para podermos admirar as ferramentas enfiadas lá dentro. Toquei na ponta de uma coisa baça cinzenta que a mamã disse que era um torno mecânico.

Ficou tarde; fiquei com a Issy na mesa da cozinha a desenhar e a ouvir rádio. A mamã a fazer panquecas, a misturar distraidamente ovos, leite e farinha e a aumentar o volume do rádio quando começava a dar uma música boa. A música fazia-a dançar em torno da mesa, baixando-se e balançando-se de braços bem abertos. A Issy e eu fazíamos caretas quando ela abanava as ancas e o rabo como uma mulher tribal. Desconfiávamos da sexualidade que ela exsudava. Ela era nossa mãe e queríamos-la virgem e casta.

Bocadinhos de massa caíam na frigideira quente. Ela deixava-nos virá-las. — Usem as duas mãos — instruía-nos ela, quando cada uma assumia a sua vez, mordendo os lábios de concentração e entortando os olhos ao ver o voo da panqueca. Havia o cheiro rico a manteiga queimada, o silvo da gordura e a cozinha estava carregada de fumo e música.

À mesa, ela seguia o ritual de fazer um cigarro, enrolando-o num frágil pedacinho de papel. Eu adorava observar os seus dedos ágeis, a língua a lambar a borda, o modo como os olhos dela franziam quando o fósforo se acendia. Ela recostou-se na cadeira e inalou. Deixou-nos espalhar enormes colheradas de açúcar sobre as panquecas. Deu-nos até o último meio limão; tinha-o guardado no frigorífico há tanto tempo que estava rijo como osso. Fumou, cantarolou por entre dentes e viu-nos comer, rindo-se quando pegámos nos pratos para os lambar. — Qualquer pessoa pensaria que vos faço passar fome.

Subimos a cambalear as escadas estreitas até à cama, de estômago cheio. A mamã foi de seguida e deixou-se cair na nossa cama com um suspiro profundo. Estendeu-se no meio de nós, acariciando-nos distraidamente os cabelos, os dedos soltos e sonhadores contra as nossas cabeças. — Acho — disse ela, mordendo cuidadosamente a ponta do polegar — que esta unha vai cair. Mas vai nascer uma nova. Suave e lisa como um ovo cozido.

— Mamã, — disse subitamente Issy, abraçando-se ao pescoço dela, — gosto mais de quando estamos só nós. Pode ser sempre assim?

— Claro — concordou a mamã, bocejando. — Só nós as três.

A gata saltou para junto de nós, trazendo o aroma do campo consigo: lilás, erva e sangue de rato. Abanou a cauda, massajando a almofada com as patas e ronronando num êxtase de aprovação. Aproximámo-nos mais; o hálito da Issy era doce como açúcar. Tínhamo-nos esquecido de lavar os

dentes, e os pés, debaixo das cobertas, estavam cheios de manchas de erva. A mamã debruçou-se sobre nós e abraçou-nos com força.

— Boa-noite, minhas meninas de cara engraçada. — Roçou os lábios pelos meus.

Ela sabia a *Old Holborn* e a *Frosted Cherry*. Quando beijou a Issy, fingiu dar-lhe um beijo digno de filme, colando firmemente os lábios e virando a cabeça de um lado para o outro, enquanto fazia «mmmmm». A Issy quase se engasgou de tanto rir, contorcendo-se debaixo das cobertas.

— Eu também — pedi eu, impaciente pela minha vez.

*

Não consigo recordar-me quando foi a última vez que alguém me beijou. Não imagino alguém a beijar-me de novo. Exceto ele. Às vezes permito-me imaginar aquele velho sonho. Passo o dedo sobre os lábios. Estão secos, gretados. Contudo, a ação dos meus dedos deu azo a uma descoberta: a sensação do toque de pele sobre pele estremece pelo meu corpo. A conexão entre terminações nervosas ainda existe. O prazer dos sentidos provoca-me uma impressão desconfortável no baixo-ventre. Traço o contorno da minha boca uma e outra vez, a respiração nos meus dedos quente e húmida, demorando-me na sensação, olhos fechados para me concentrar, isolando-me da enfermaria.

Quando os abro, a velha da cama em frente está debruçada sobre mim. Eu fito-a, estúpida com o choque, o meu corpo retraindo-se com força.

Ela é mais alta do que eu me havia apercebido. Ossos largos e costas direitas na sua camisa de noite. Arrasta um suporte com soro atrás dela. A agulha espetada no braço grosso. — Sou Justine Mortimer.

Pestanejo. — Viola.

Ela repete o meu nome, pronunciando-o pensativamente.

Tem uma voz impossível, do tipo que é preservada em conserva nas entranhas da BBC. Fecha subitamente os olhos e balança em direção ao suporte de metal onde está pendurado o soro. Sustenho a respiração, convencida de que ela vai cair juntamente com o suporte e que o saco de soro se vai reventar e espalhar o conteúdo pelo chão. Mas ela consegue recuperar.

— Perdoe-me. Ainda estou um pouco fraca. — Abana a cabeça. — Estou à espera que o meu filho venha visitar-me. Ele vai trazer os filhos com ele... cinco netos.

Ela tem uma tez macilenta e as pernas tremelicam-lhe. Quem me dera que voltasse para a cama. Ela tosse, uma tosse profunda. Estende uma mão e segura-se à minha mesa de cabeceira para se equilibrar. — A mais velha tem treze anos, a Pandora, é uma menina tão inteligente... e o mais novo

ainda é bebé. — Sorri. — Um menino de cara redonda que me faz lembrar o Alec, o meu falecido marido. — Esfrega o nariz e franze o rosto. — Sabe, esqueci-me do nome do pequenino... — A cara dela contorce-se e ela torna a tossir. — Sou uma velha estúpida.

Olho ansiosamente em volta. Onde estão as enfermeiras quando precisamos delas?

Ela afasta-se arrastando os pés, resmungando, atravessando lentamente o espaço entre as nossas camas, as rodas do suporte metálico guinchando e rolando atrás dela. — Hei de lembrar-me — promete ela com veemência. — Harry? Não. — Bate levemente na cabeça.

Os pés descalços de veias azuis estão deformados por joanetes. O pessoal auxiliar não vai gostar. Eles insistem para que os pacientes usem chinelos. Uma enfermeira está já a segurar-lhe no braço, a protestar delicadamente com ela e a apontar-lhe para os pés. A enfermeira vira-se e olha para mim. Franze o sobrolho, como se a culpa fosse minha.

Justine, instalada de novo na cama, grita-me alegremente: — Tenho fotografias! Montes delas. Depois mostro-lhe.

*

— Céus, há eras que não olhava para esta fotografia — diz a Hettie. — Claro que a maior parte das vezes as pessoas não percebiam que éramos irmãs. A vossa mãe era dez anos mais nova do que eu. Aqui devo ter uns catorze anos.

A mesma idade que eu, penso. Ela segura a fotografia emoldurada que encontrei na cómoda de carvalho. («Século dezassete», disse-nos a Hettie. «Não lhe ponham chávenas em cima.») A Hettie vira a fotografia para a luz e examina a sua imagem presa no tempo; o rosto adolescente ligeiramente desfocado por estar a mexer-se ou a falar quando o obturador foi premido. Uma criança loura está em frente da sua irmã muito mais velha e morena. Envergam ambas casacos e boinas de cerimónia. As meninas seguram macacos. Um dos animais está sentado no braço da Rose, a cauda comprida pendurada, e ela está a rir-se para a máquina, deliciada. O macaco olha perplexamente para ela, de boca aberta, como se estivesse prestes a fazer-lhe uma pergunta.

— Devíamos ter ido a uma feira. Não me recordo. — A Hettie tira os óculos e devolve-me a fotografia. — Não passávamos muito tempo juntas. Eu estive num colégio interno quando ela era ainda pequena, e quando ela foi mandada para a escola, eu já tinha cometido o erro horrível de me ter casado.

Instalo-me confortavelmente nas cavidades e nas depressões do velho

sofá. Mesmo ao meio-dia, a sala está escurecida com sombras, carregada de antiguidades e tapeçarias espessas; o relógio de parede ao canto faz tique-taque tão alto como um metrônomo. É um sítio que encoraja confidências. Um dos *spaniels* salta e enrola-se de encontro à minha perna. A Hettie está com vontade de conversar. Eu só preciso de encetar um silêncio convidativo.

— A mãe morreu quando a Rose estava ainda na escola. — A Hettie senta-se no braço do sofá e arregaça, com dedos curtos e grossos, as mangas do casaco de malha guarnecido de borlas. — Depois disso, a Rose fugiu algumas vezes. Sempre devolvida em desgraça para os intermináveis sermões do papá.

— Então ela era um pouco rebelde? — pergunto eu, brincando com um fio do meu cabelo azul.

— Bem, ela não gostava certamente de instituições, nem de regras. — A Hettie sorri para si própria como se estivesse a lembrar-se de uma piada particular. Olha para mim e anui com a cabeça. — Ela não era exatamente académica, a minha querida Rose. Mas tinha muitas ideias acerca de como o mundo deveria funcionar e o que tinha de errado. — A Hettie cruza as pernas e ajeita a saia. — Depois de ter deixado a escola, ela começou a sair com um escritor... esqueci-me do nome. Muito *Beat Generation*, com os seus óculos de armação escura e calças justas. O papá antipatizou logo com ele. — Pigarreia. — A Rose foi para a América com ele. Enviava-me postais. Dizia-me que ia ser atriz. Eu pensei que ia vê-la na ribalta. — Abana a cabeça. — Ela era tão bonita.

— Mas quando é que isso aconteceu?

O cão senta-se e coça-se afincadamente, orelhas para trás e olhos fechados.

— Espero que aquela criatura não tenha pulgas... — A Hettie faz um afago distraído nos seus seios fartos e inclina-se para diante para inspecionar as orelhas do cão.

— Hettie? — chama Isolte na sua voz londrina. — Avisei-te de que ia esta noite a uma festa, não avisei? Tudo bem por ti?

Desce ruidosamente as escadas, nuns sapatos de plataforma encarnados, expondo todas as suas exigências e planos animados para a noite; para do outro lado da sala, vestida numa saia cintilante que ondula em redor dos joelhos, e a distância entre nós é muito maior do que a extensão da carpete puída. A felicidade dela faz-me sentir envergonhada. Porque não consigo seguir o seu exemplo? Porque não consigo «aproveitar ao máximo», como ela diz?

Segurando na pesada moldura, olho fixamente para a criança na fotografia: a minha mãe, preservada a preto e branco. Ela fita-me também. Está

radiante, o nariz enrugado por cima daquele largo sorriso. A Issy parece olhar para mim através dos traços da minha mãe, partilhando a piada. Mas eu não estou lá. Já não consigo encontrar um reflexo de mim própria na minha mãe, nem na minha irmã. Nem sequer na minha tia. Encolho-me no sofá, perdida em sombras, estômago apertado, fria e vazia. Não sei quem sou.